



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

CAFÉ

SAFRA 2015
Terceiro Levantamento
Setembro/2015

Monitoramento Agrícola
Café – Safra 2015



Presidência da República

Dilma Rousseff

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Kátia Abreu

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Lineu Olimpio de Souza (Presidente em exercício)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

João Marcelo Intini

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antonio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Marisson de Melo Marinho

Martha Helena Gama de Macêdo

Gerência de Geotecnologia (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geote

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Giovanna Freitas de Castro (Estagiária)

Guilherme Ailson de Sousa Nogueira (Estagiário)

Guilherme Queiroz Micas (Estagiário)

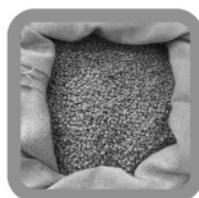
Joaquim Gasparino Neto

Nayara Sousa Marinho (Estagiária)

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Bahia, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Paraná, Rondônia e São Paulo



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

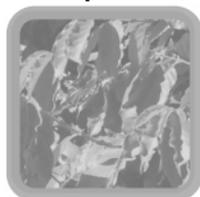
CAFÉ

SAFRA 2015
Terceiro Levantamento
Setembro/2015

Monitoramento Agrícola
Café – Safra 2015

ISSN: 2318-7913

Acomp. da safra bras. café, v. 2 - Safra 2015, n. 3 - Terceiro Levantamento, Brasília, p. 1-58, setembro de 2015



Copyright © 2015 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-7913
Tiragem: 50
Impresso no Brasil

Colaboradores

Patrícia Maurício Campos (Suinf)
João Marcelo Brito Alves de Faria (Geint)
Rogério Dias Coimbra (Geint)

Andrea Malheiros Ramos (INMET)
Priscila Oliveira Rodrigues (Geint)
André Luís Farias de Souza (Assessor Dipai)

Colaboradores das Superintendências Regionais

MINAS GERAIS

João Eduardo Lopes (Gerente)
Patrícia de Oliveira Sales (Encarregada)
Eugênio Teixeira de Carvalho, Hélio Maurício Gonçalves de Rezende, Hygino Felipe Carvalho, Marcel de Melo Innocentini, Márcio Carlos Magno, Sérgio de Lima Starling, Telma Ferreira e Silva e Terezinha Vilela de Melo Figueiredo.

ESPÍRITO SANTO

João Marcos do Nascimento (Gerente)
Delcio da Costa Soares (Encarregado)
Maicow Paulo Aguiar B. de Almeida, Kerley Mesquita de Souza, Paulo Roberto de Luna e Pedro Antônio Medalane Cravinho.

BAHIA

Marcelo Ribeiro (Gerente)
Ednabel Caracas Lima (Encarregada)
Aurendir Medeiros de Melo, Gerson Araújo dos Santos, Jair Ilson dos Reis Ferreira, Jair Lucas Oliveira Junior, Israel Cerqueira Santos e Joctã Lima do Couto.

RONDÔNIA

Rosemberg Alves Pereira (Gerente)
Erik Colares de Oliveira (Encarregado)
João Adolfo Káster e Niécio Campanati Ribeiro.

GOIÁS

Ana Lúcia de Fátima Fernandes (Gerente)
Espedito Leite Ferreira (Encarregado)
Adayr Malaquias de Souza, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Fernandes Lima e Rogério César Barbosa.

PARANÁ

Rosimeire Lauretto (Gerente)
Daniela Furtado de Freitas Yanaga (Encarregado)
José Segundo Bosqui.

SÃO PAULO

Luiz Alberto Martins (Gerente)
Antonio Carlos Costa Farias (Encarregado)
Cláudio Lobo de Ávila, Elias Tadeu de Oliveira e Marisete Belloli Breviglieri.

Editoração:

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação:

Marília Yamashita

Fotos:

Arquivo Dirab/Conab, Clauduardo Abade, Marília Yamashita, Virgílio Neto

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)
Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Normalização:

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.73(81)(05)

C737a Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira : café – v. 1, n. 1 (2014-) – Brasília : Conab, 2014-
v.

Trimestral

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de jan./2014. Continuação de: Acompanhamento da safra
brasileira de café (2008-2012)

ISSN: 2318-7913

1. Café. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

Sumário

1. Resumo executivo	3
2. Introdução.....	5
3. Estimativa de área cultivada	6
4. Estimativa de produtividade.....	6
5. Estimativa de produção	6
6. Monitoramento agrícola: café – safra 2015.....	8
6.1. Monitoramento agrometeorológico	8
7. Avaliação por estado.....	13
7.1. Minas Gerais	13
7.1.1. Monitoramento agrometeorológico	13
7.1.2. Condições climáticas.....	16
7.1.3. Situação das lavouras	16
7.1.4. Estimativa de produção.....	17
7.1.5. Considerações finais	22
7.2. Espírito Santo	23
7.2.1. Monitoramento agrometeorológico	23
7.2.2. Estimativa de produção.....	24
7.2.3. Café conilon	24
7.2.4. Café arábica	26
7.3. São Paulo	26
7.3.1. Monitoramento agrometeorológico	26
7.3.2. Estimativa de produção.....	29
7.4. Bahia	30
7.4.1. Monitoramento agrometeorológico	30
7.4.2. Estimativa de produção.....	32
7.4.3. Condições climáticas.....	33
7.4.4. Aspectos fitossanitários.....	34
7.4.5. Situação das lavouras	35
7.5. Paraná.....	38
7.5.1. Monitoramento agrometeorológico	38
7.5.2. Estimativa de produção.....	40
7.6. Rondônia	41
7.6.1. Monitoramento agrometeorológico	41
7.6.2. Estimativa de produção.....	42
7.7. Goiás	43
7.7.1. Monitoramento agrometeorológico	43
7.7.2. Estimativa de produção.....	44
8. Receita bruta do café.....	45
9. Preços do café beneficiado (saca de 60 kg).....	46
9.1. Café arábica	46
9.2. Café conilon	48
10. Crédito rural.....	49
11. Exportação.....	50
12. Resultado detalhado.....	51
13. Colheita de café.....	58

1. Resumo executivo

A produção da safra de 2015 está estimada em 42.148,3 mil sacas beneficiadas de café. A área total utilizada para a produção deve ser de 1.930,1 mil hectares. A colheita está finalizando em todo o país.

Minas Gerais

Sul de Minas (Sul e Centro-Oeste): a ligeira queda de produção se atribui à redução de área em produção em função da intensificação das podas com vistas à recuperação de lavouras e suavização do ciclo de bienalidade da produção cafeeira. Adversidades climáticas podem ter invertido o ciclo de bienalidade.

Cerrado Mineiro (Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste): bienalidade negativa da cultura e intempéries climáticas de 2014 resultaram na maior redução percentual da produtividade no país. Redução de área em produção em função de intensificação de podas, tendo em vista uma recuperação da produtividade para a próxima safra.

Zona da Mata Mineira (Zona da Mata, Rio Doce e Central): apesar das condições climáticas adversas a produtividade é muito superior à safra de 2014, tendo em vista o ano de bienalidade positiva. Aumento de área em função de reconversão das áreas manejadas na safra anterior.

Norte de Minas (Norte, Jequitinhonha e Mucuri): estiagem severa na safra anterior levou ao menor crescimento das hastes e menor número e espaço dos internódios. Veranico no início de 2015 impactou negativamente o desenvolvimento dos grãos, ocasionando forte redução na produtividade.

Espírito Santo

A produtividade foi impactada pelo deficit hídrico, elevadas temperaturas e grande insolação em dezembro de 2014, janeiro e fevereiro de 2015, período de formação e enchimento de grãos, que levaram à má formação de grãos menores e mais leves.

São Paulo

A bienalidade negativa da cultura e intempéries climáticas de 2014 levaram ao menor crescimento dos ramos produtivos e à intensificação das podas. Altas temperaturas e baixo regime pluviométrico ocasionaram estresse hídrico nos períodos críticos da formação da safra de 2015, impactando na produtividade.

Bahia

Atlântico: melhoria nos tratos culturais da lavoura e baixa restrição climática em fevereiro e março de 2015 impactaram positivamente na produtividade das lavouras.

Cerrado: redução de área em função de manejo. Aumento de área em formação e renovação. Área irrigada.

Planalto: estiagem na formação de grãos reduziram a produtividade em relação à safra passada.

Paraná

Condições climáticas registradas após a fase de florescimento beneficiaram a formação dos frutos e o desenvolvimento vegetativo das lavouras. Excesso de chuva prejudicou a colheita e ocasionou problemas na qualidade dos grãos.

Rondônia

A cultura foi beneficiada por boas condições climáticas ao longo do ciclo, o que resultou em incremento de produtividade.

Goiás

Cultura irrigada com expectativa de queda de produtividade em função de altas temperaturas.

2. Introdução

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) realiza quatro levantamentos de campo ao longo do ano safra da cultura, como segue:

- Primeiro levantamento – em dezembro – período pós-florada;
- Segundo levantamento – em maio – período pré-colheita;
- Terceiro levantamento – em agosto – período de plena colheita; e
- Quarto levantamento – em dezembro – período pós-colheita.

Após tratamento estatístico dos dados obtidos em campo, são divulgadas as previsões para as safras em curso, sinalizando a tendência da produção de café em cada estado, com o objetivo de permitir a elaboração de planejamentos estratégicos por toda a cadeia produtiva do café, bem como, a realização de diversos estudos pelos órgãos de governo envolvidos com a cafeicultura, visando a criação e implantação de políticas públicas para o setor.

Ressaltamos que as previsões iniciais são passíveis de correções e ajustes ao longo do ano safra, visto que informações mais precisas somente se consolidam com a finalização da colheita. Quaisquer fenômenos climáticos que porventura tenham ocorrido são detectados e estimado o provável efeito, porém, as consequências reais serão efetivamente mensuradas à medida que a colheita avança.

A realização destes levantamentos de dados pela Conab, para efetuar a estimativa da safra nacional de café, conta com as parcerias estaduais dos órgãos de governo dos principais estados produtores. Também são consultados técnicos dos escritórios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para obter estatísticas dos demais estados com menores proporções de produção.

O trabalho conjunto reúne interesses mútuos, aproveitando o conhecimento local dos técnicos dessas instituições que, ao longo dos anos, realizam esta atividade de avaliação da safra cafeeira com muita dedicação, aos quais, na oportunidade, a Conab registra os seus agradecimentos, cujo apoio tem sido decisivo para a qualidade e credibilidade das informações divulgadas.

As informações disponibilizadas neste relatório se referem aos trabalhos realizados nos municípios dos principais estados produtores (Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Bahia, Paraná, Rondônia e Goiás), que correspondem a cerca de 98,6% da produção nacional.

3. Estimativa de área cultivada

A área total plantada no país com a cultura de café (arábica e conilon) totaliza 2.246,7 mil hectares, 0,4% inferior à área da safra passada e corresponde à redução de 8.455,6 hectares. Desse total, 316,6 mil hectares (14,1%) estão em formação e 1.930,1 mil hectares (85,9%) estão em produção.

A área plantada do café arábica no país soma 1.774,1 mil hectares. Para a nova safra houve um acréscimo de 0,1% (1.815,4 hectares). Minas Gerais concentra a maior área com a espécie, 1.181,3 mil hectares, seguido de São Paulo, com 215,1 mil hectares.

Para o café conilon o levantamento indica redução de 2,1% na área, estimada em de 472,6 mil hectares. Desse total, 432,9 mil hectares estão em produção e 39,7 mil hectares em formação. No Espírito Santo está a maior área, 300,1 mil hectares, seguido de Rondônia, com 94,6 mil hectares e da Bahia, com 39 mil hectares.

4. Estimativa de produtividade

A produtividade estimada para esta safra é de 21,84 sc/ha e equivale à redução de 6,2% em relação à safra passada. Apenas nas Regiões Norte e Sul a produtividade teve incremento. As demais regiões apresentam redução. Isso é resultado, principalmente, da restrição hídrica que atingiu as principais regiões produtoras de café do país, especialmente o Sudeste.

O café arábica, de certa forma, foi menos afetado do que o conilon, mas mesmo assim apresenta queda de 2,6% na produtividade nacional. Essa redução é reflexo, principalmente, da queda na produtividade em São Paulo (18%), Cerrado Mineiro (25%), no Norte de Minas (14,4%) e na região do Planalto (10,3%) na Bahia.

O café conilon é o que apresenta maior redução percentual, 15,1%. Isso equivale ao recuo de 4,47 sc/ha na produtividade média do país. No Espírito Santo, maior produtor nacional da espécie, o recuo é de 7,96 sc/ha. Os cafezais foram afetados por uma forte restrição hídrica nesta safra e a redução não é maior porque em Rondônia, segundo maior estado produtor, as condições climáticas foram favoráveis.

5. Estimativa de produção

A estimativa para a produção da safra cafeeira (espécies arábica e conilon) em 2015 indica que o país deverá colher 42,15 milhões de sacas de 60 quilos de café beneficiado (Tabela 10). O resultado representa redução de 7%, quando comparado com a produção de 45,34 milhões de sacas obtidas no ciclo anterior.

Em relação à estimativa de 44,28 milhões de sacas, divulgada em maio, observa-se uma redução de 4,8%, correspondendo a menos 2,13 milhões de sacas. Tal redução se deve, principalmente, à queda na carga produtiva de café em coco, mensurada por ocasião da colheita, além da redução no rendimento do café no beneficiamento.

O café arábica representa na nova safra 74,2% da produção total do país. Para esta safra estima-se que sejam colhidas 31,3 milhões de sacas. Tal resultado representa um decréscimo de 3,1%. O resultado se deve, principalmente, ao expressivo decréscimo de 1.534,1 mil sacas no Cerrado Mineiro e 753,9 mil sacas em São Paulo, correspondendo a 26,6 e 16,4%, respectivamente, de queda frente à safra 2014. O café arábica apresenta ganho de produção apenas na Zona da Mata Mineira, Paraná, Espírito Santo e Rio de Janeiro. A Zona da Mata está em ano de bienalidade positiva e que, apesar das condições climáticas adversas, a produtividade é satisfatória. No Paraná a produção se recupera das condições climáticas adversas, principalmente às baixas temperaturas, que afetou a safra 2014. No Espírito Santo e Rio de Janeiro a produção é superior à safra anterior, mesmo sendo afetada pelas condições climáticas adversas nesta safra.

A produção do conilon, estimada em 10,9 milhões de sacas, representa uma redução de 16,7%. Esse resultado se deve, principalmente, à queda da produção no Espírito Santo, maior estado produtor da espécie, causada pela estiagem da atual safra. As lavouras do estado foram afetadas por déficit hídrico, elevadas temperaturas e grande insolação em dezembro de 2014, janeiro e fevereiro de 2015, período de formação e enchimento de grãos, o que levou à má formação dos grãos, menores e mais leves. Mato Grosso e Pará também apresentam queda na produção de conilon, mas são estados pouco representativos na produção nacional.

Rondônia e Bahia (Atlântico), segundo e terceiro maior produtor, apresentam ganho de produção de café conilon. Em Rondônia as condições climáticas foram favoráveis durante todo o ciclo da cultura e na região do Atlântico (BA), apesar de uma baixa restrição hídrica em janeiro/fevereiro, a produção ainda assim será superior a safra 2014, reflexo também do ganho de área de 8,1%.

6. Monitoramento agrícola: café – safra 2015

6.1. Monitoramento agrometeorológico

O mapeamento da cultura do café tem por objetivo contribuir com o fortalecimento da capacidade de produzir e divulgar previsões relevantes, oportunas e precisas, da produção agrícola nacional. A localização das áreas de cultivo permite quantificar, acompanhar a dinâmica do uso do solo e auxiliar no monitoramento agrometeorológico.

No monitoramento, dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, o desvio da precipitação com relação à média histórica (anomalia) e a temperatura. Para os principais estados produtores há uma tabela que apresenta o resultado do monitoramento por mês, de acordo com a fase fenológica predominante. A condição pode ser:

- favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura;
- baixa restrição: quando houver problemas pontuais por falta ou excesso de chuvas ou altas temperaturas;
- média restrição: quando houver problemas generalizados por falta ou excesso de chuvas ou altas temperaturas;
- alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos por falta ou excesso de precipitações ou altas temperaturas, que podem causar impactos significativos na produção.

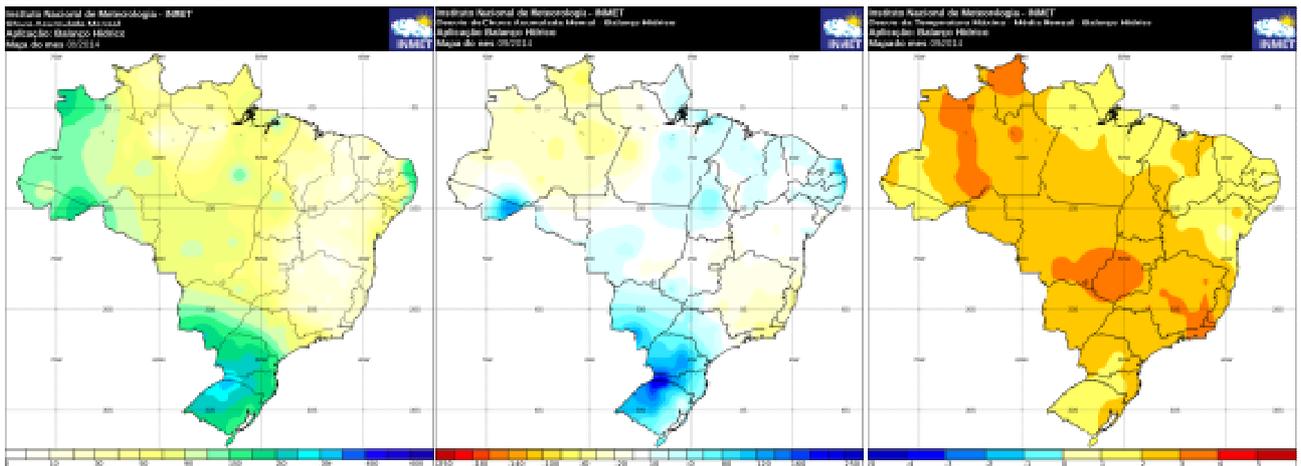
Abaixo, verificam-se as cores que representam as diferentes condições nas tabelas:

	Baixa restrição falta de chuva 	Média restrição falta de chuva 	Alta restrição falta de chuva 
Favorável 	Baixa restrição excesso de chuva 	Média restrição excesso de chuva 	Alta restrição excesso de chuva 
	Baixa restrição temperaturas baixas 	Média restrição temperaturas baixas 	Alta restrição temperaturas baixas 

Nas Figuras 1 a 19 e Gráficos 1 a 4 verificam-se os dados utilizados no monitoramento do café, que analisa a safra de 2015 no período de setembro de 2014 a agosto de 2015.

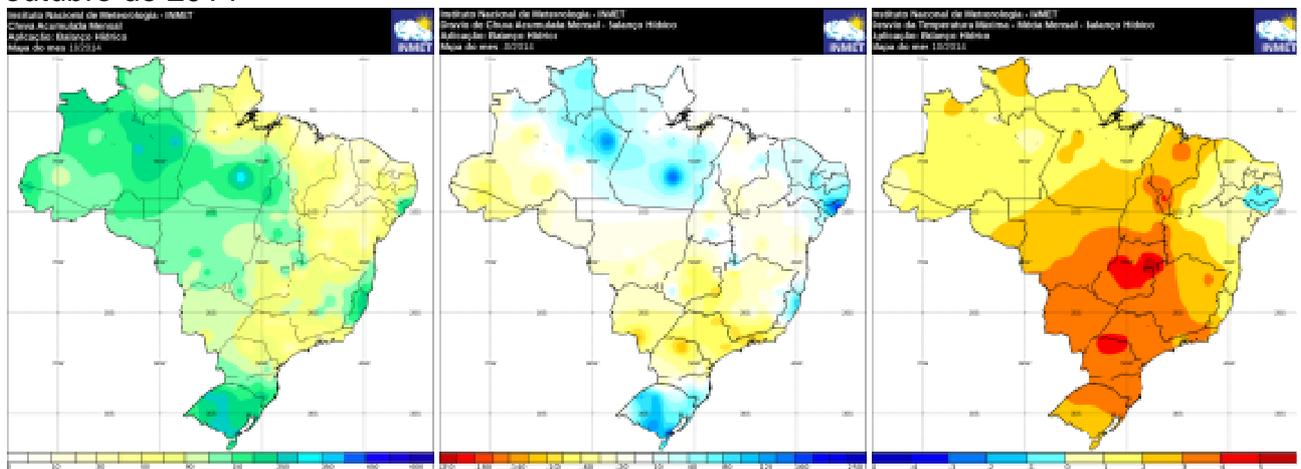
Os resultados desse monitoramento são apresentados nos capítulos referentes aos estados.

Figura 1 - Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em setembro de 2014



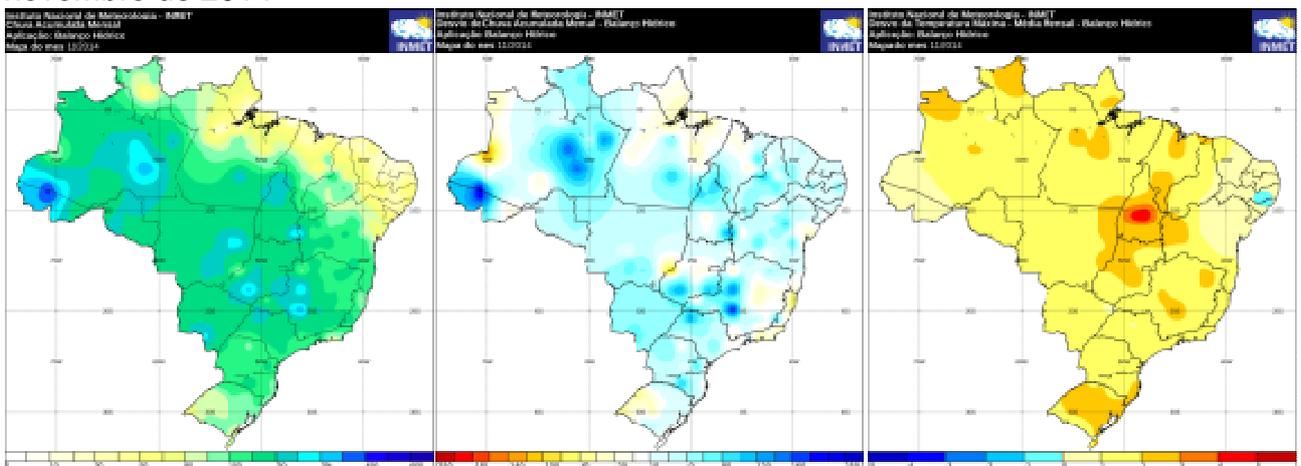
Fonte: Inmet.

Figura 2 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em outubro de 2014



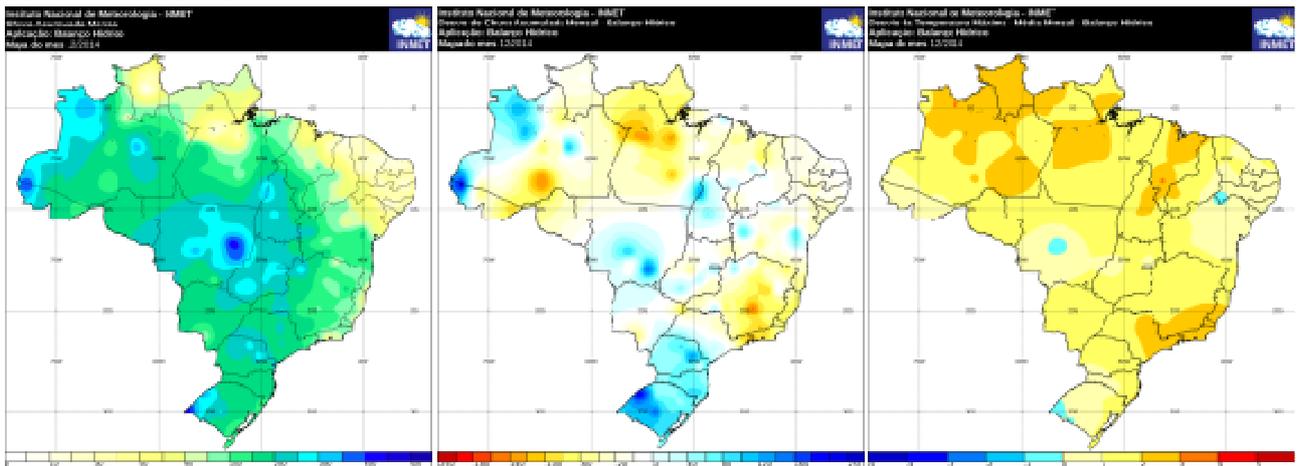
Fonte: Inmet.

Figura 3 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em novembro de 2014



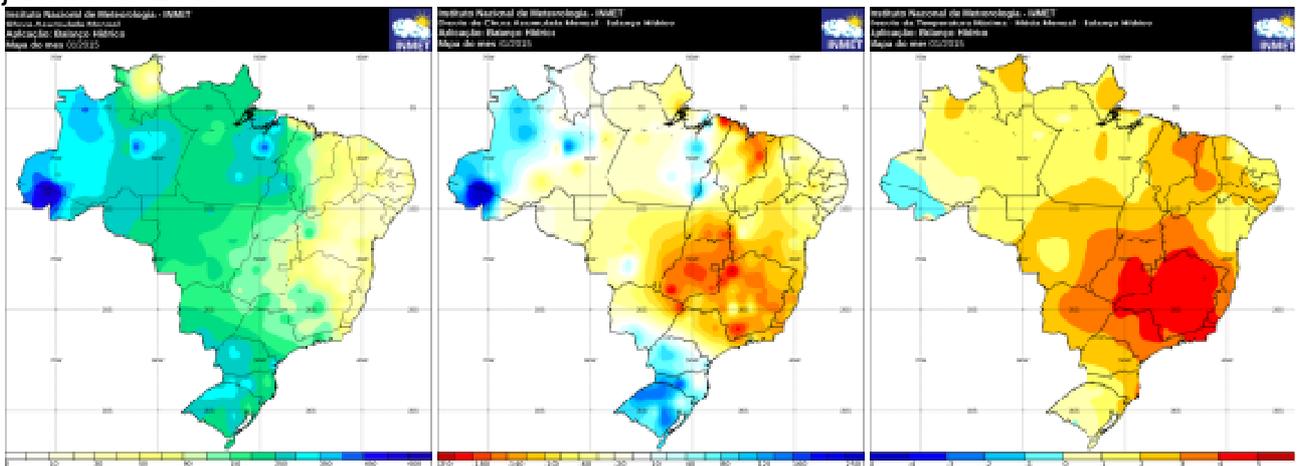
Fonte: Inmet.

Figura 4 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em dezembro de 2014



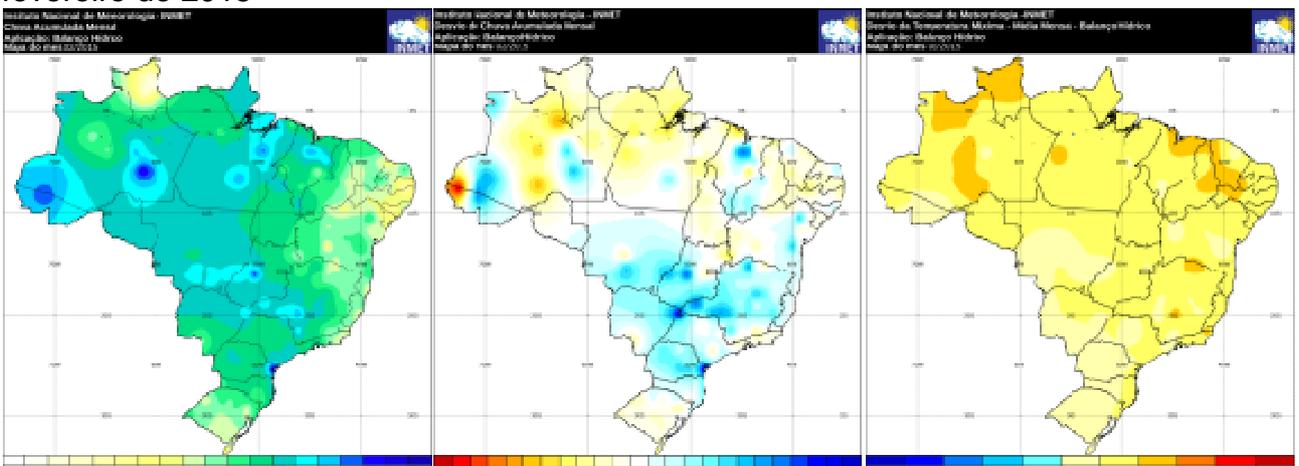
Fonte: Inmet.

Figura 5 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em janeiro de 2015



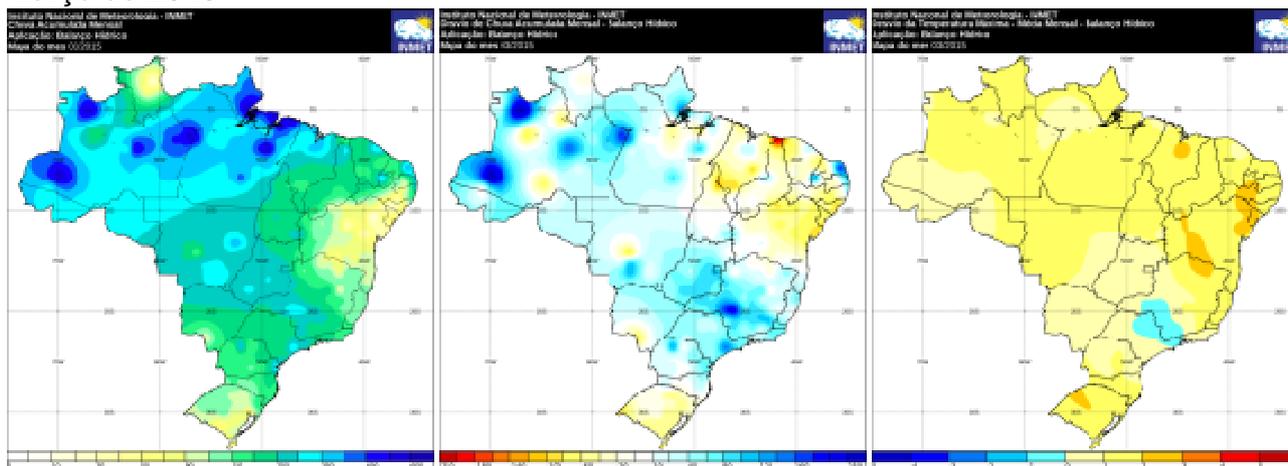
Fonte: Inmet.

Figura 6 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em fevereiro de 2015



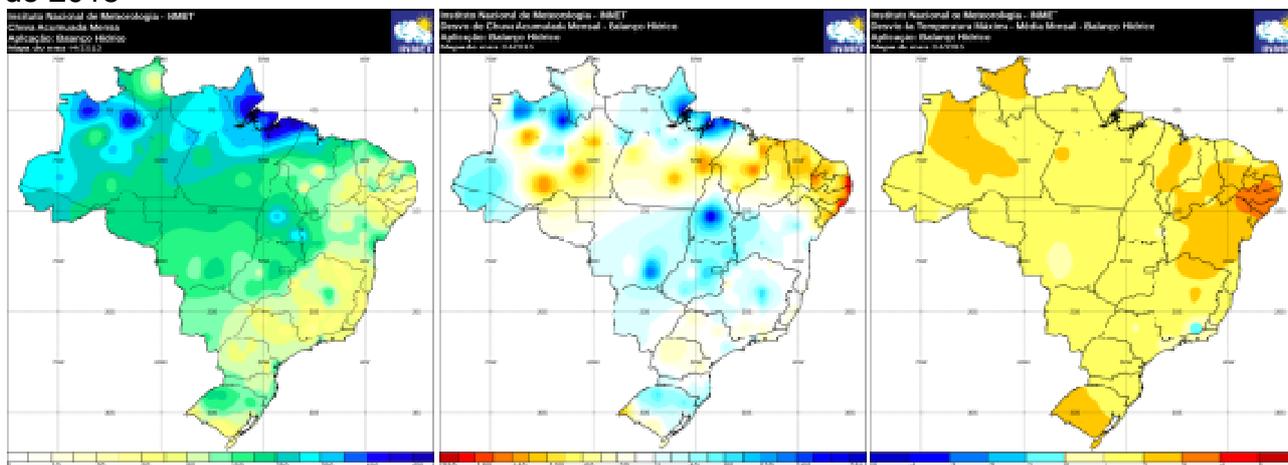
Fonte: Inmet.

Figura 7 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em março de 2015



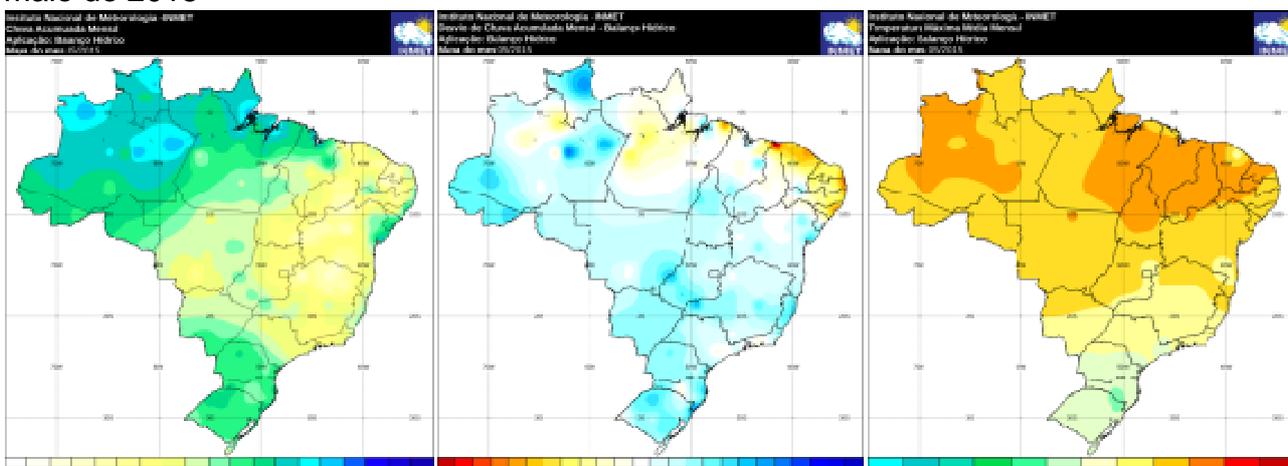
Fonte: Inmet.

Figura 8 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em abril de 2015



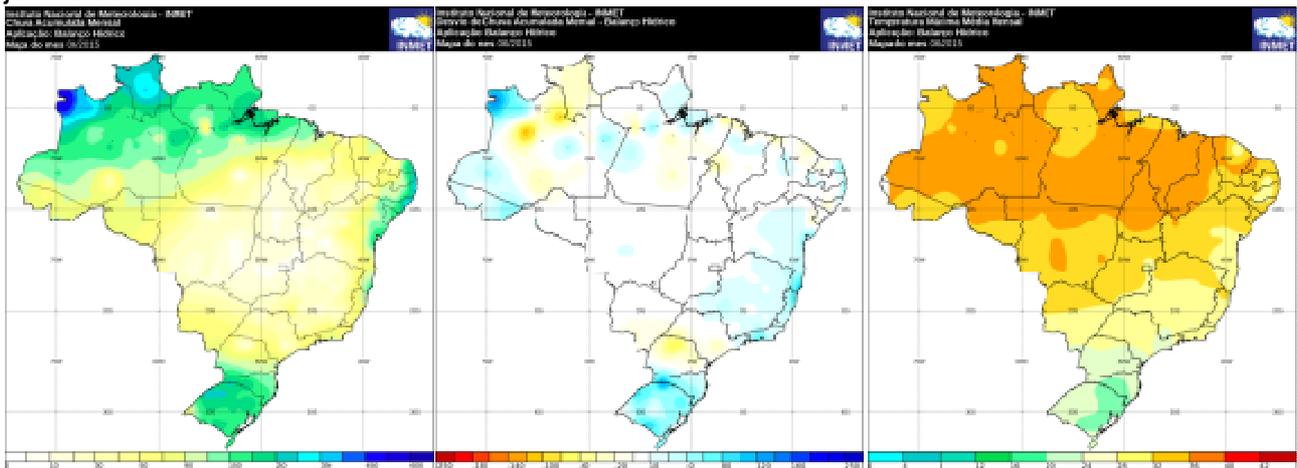
Fonte: Inmet.

Figura 9 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em maio de 2015



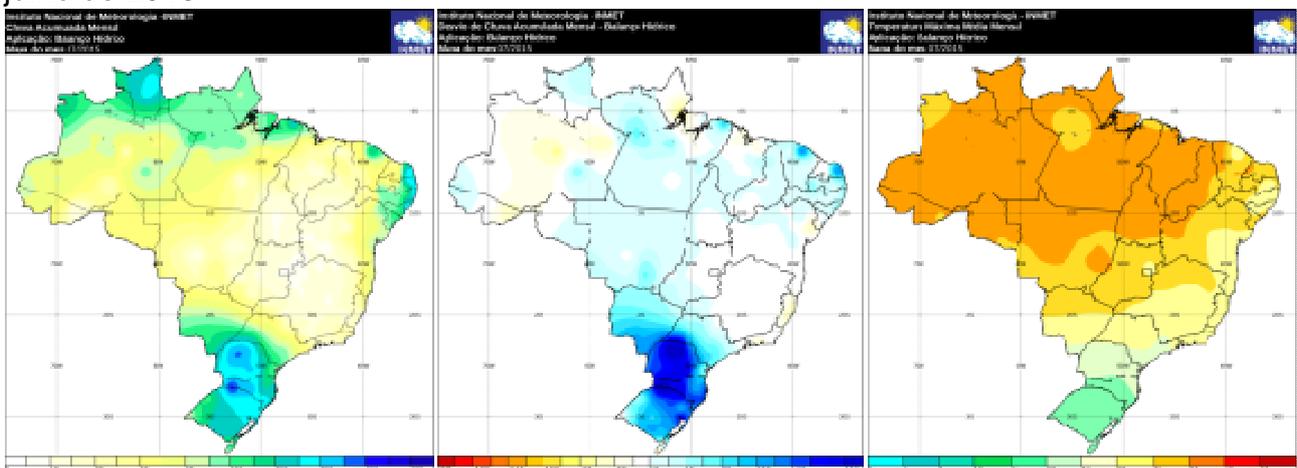
Fonte: Inmet.

Figura 10 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em junho de 2015



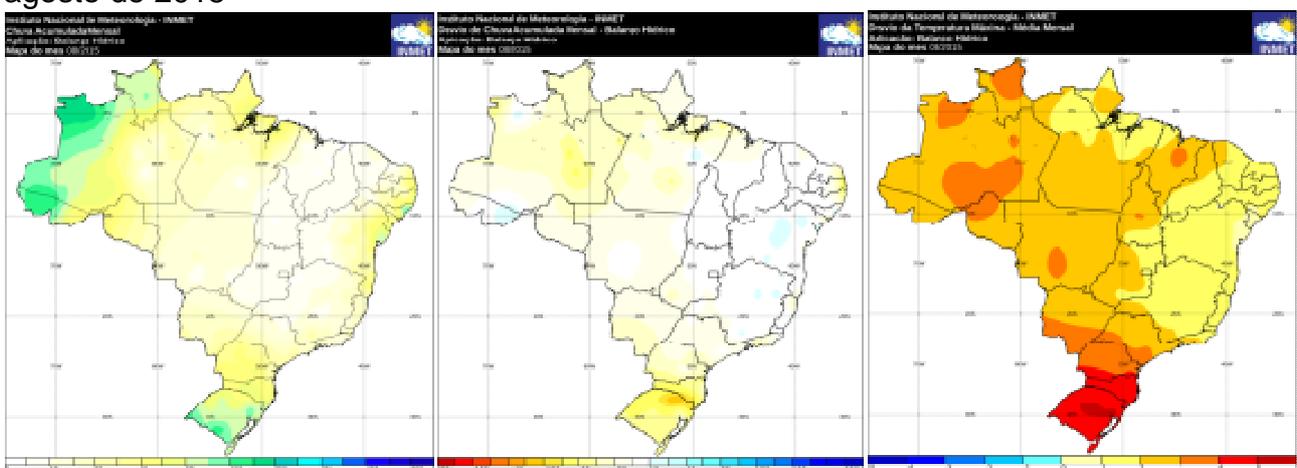
Fonte: Inmet.

Figura 11 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em julho de 2015



Fonte: Inmet.

Figura 12 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em agosto de 2015



Fonte: Inmet.

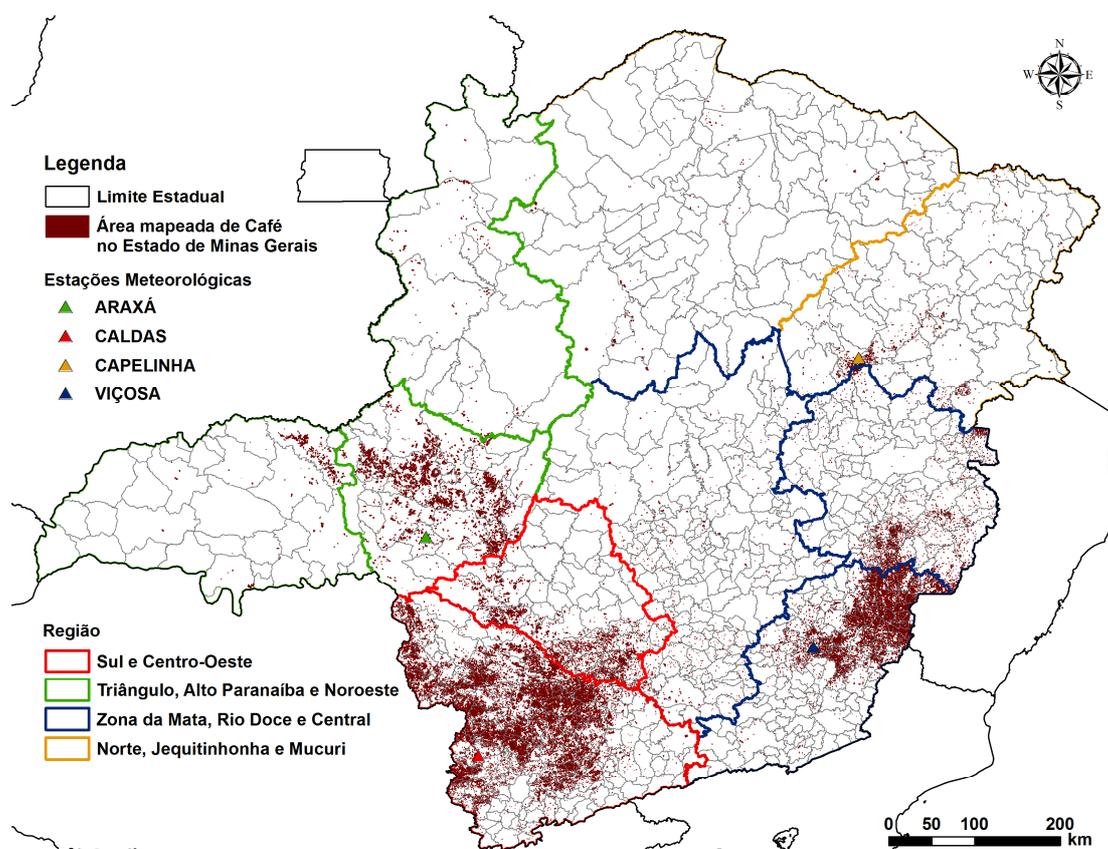
7. Avaliação por estado

7.1. Minas Gerais

7.1.1. Monitoramento agrometeorológico

A Conab já produziu uma série de quatro mapeamentos do café em Minas Gerais. O mais atual é apresentado abaixo, com a respectiva divisão das regiões produtoras de café do estado e a localização das estações meteorológicas do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet).

Figura 13 – Mapeamento do café em Minas Gerais



Fonte: Conab.

Em setembro e outubro (Figuras 1 e 2), as chuvas foram irregulares e houve registros de temperaturas acima da média em praticamente todas as regiões. Essa condição atrasou a ocorrência das principais floradas da safra de 2015.

Em novembro (Figura 3), as condições climáticas favoreceram o pegamento das floradas principais, a formação dos chumbinhos e expansão dos frutos em todo o estado. Já em dezembro (Figura 4), o volume de chuvas reduzido na Zona da mata, Rio Doce e

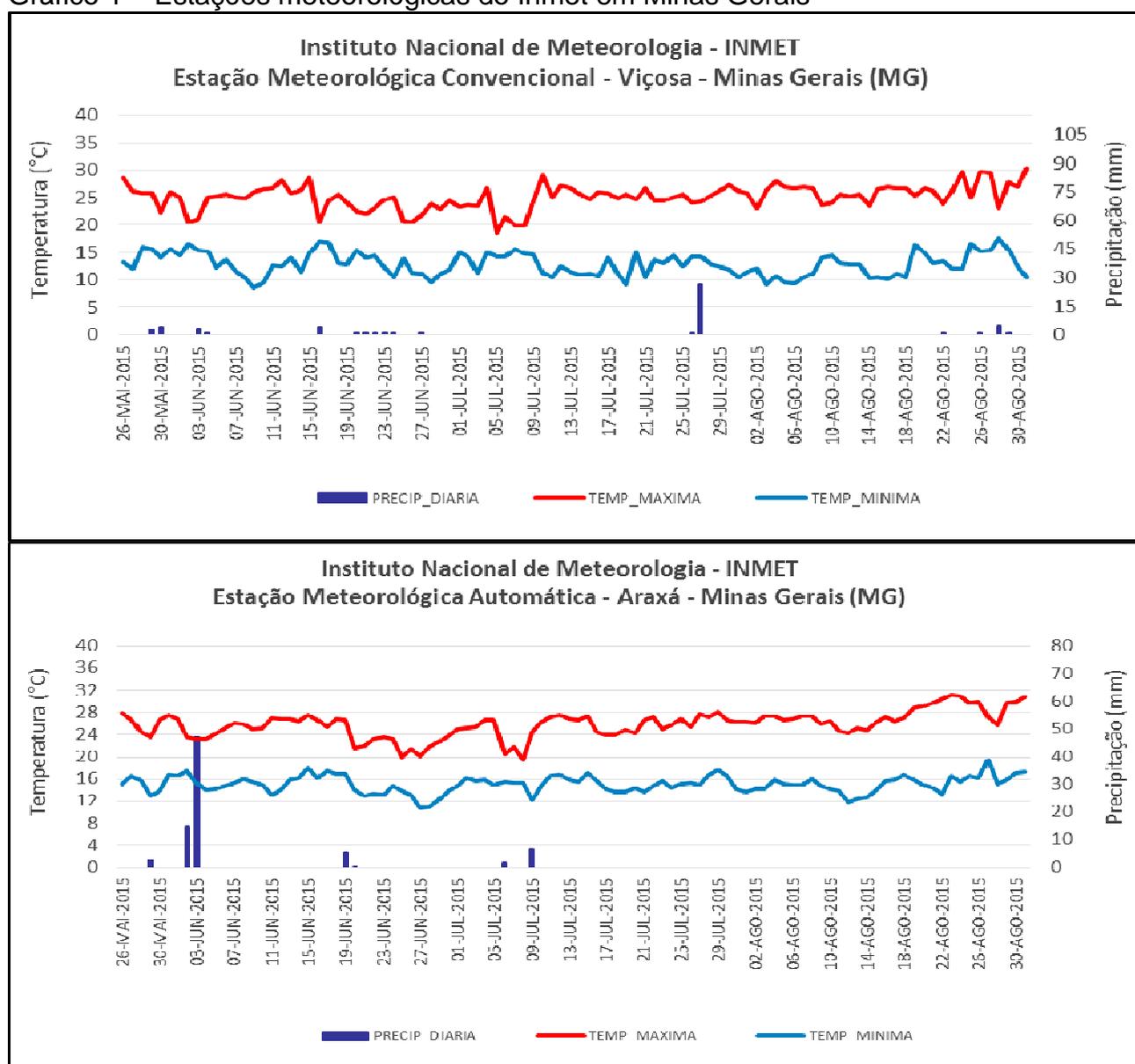
Central e no Norte, Jequitinhonha e Mucuri resultou em baixa restrição por falta de chuva.

Em janeiro (Figura 5), as chuvas abaixo da média e alta temperatura impactaram os cafezais em estágio crítico de granação dos frutos em todas as regiões produtoras.

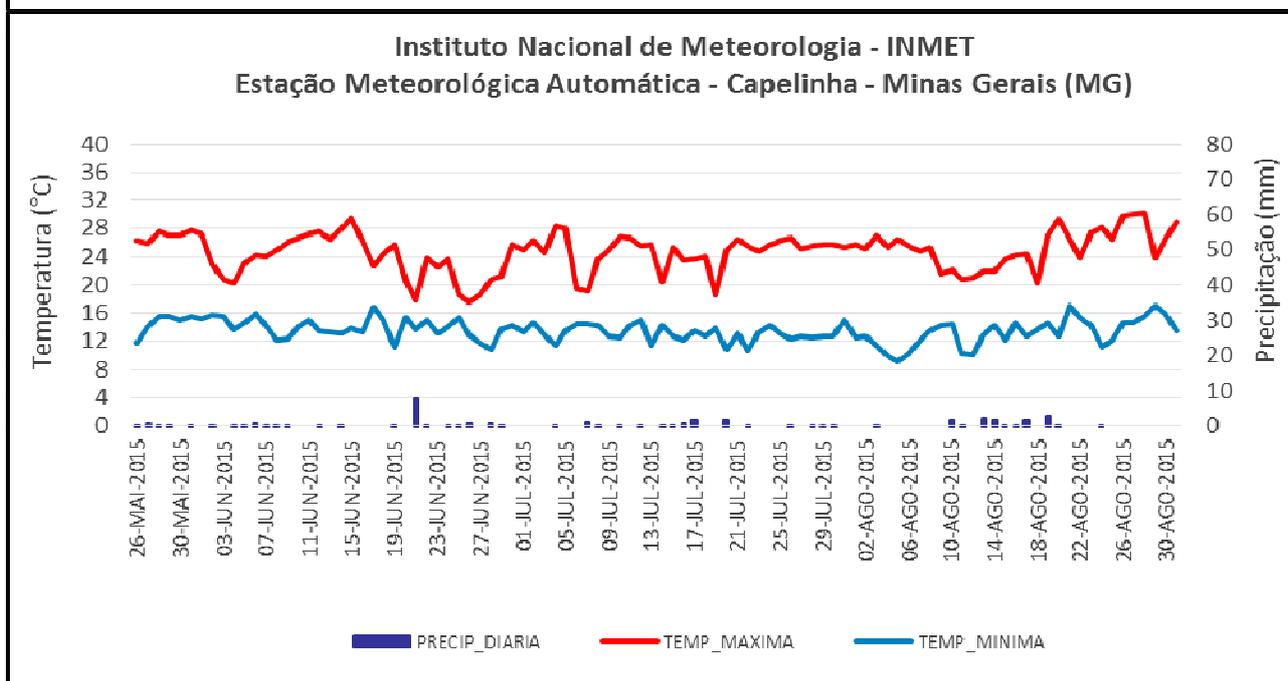
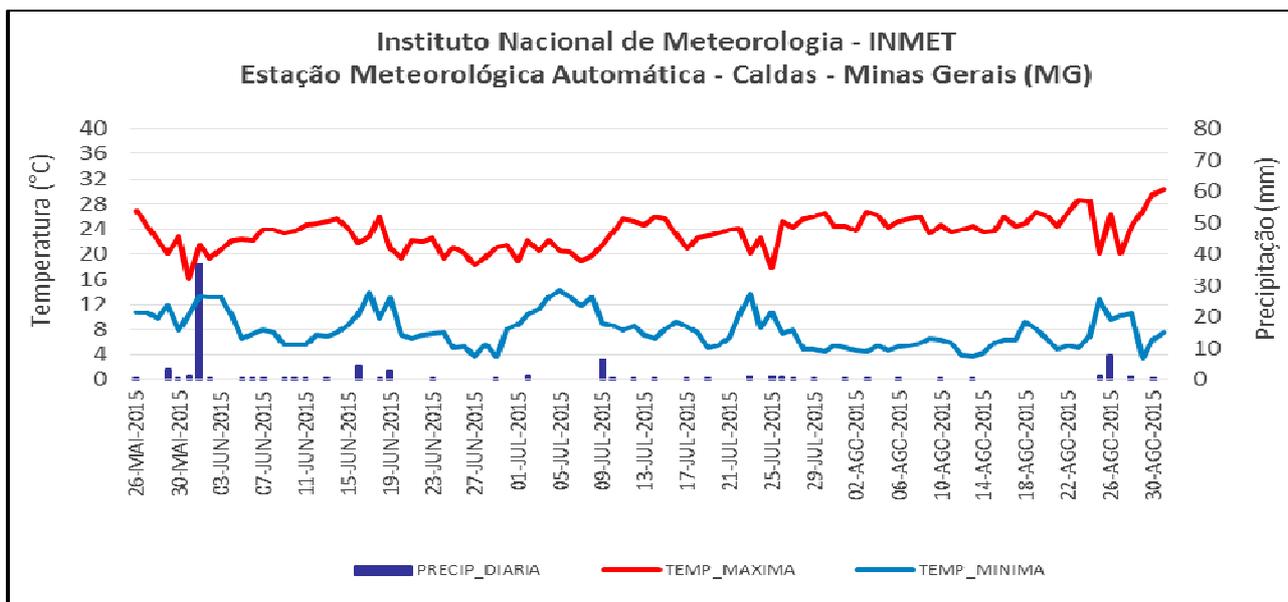
No Sul e Centro-Oeste e no Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste, as condições climáticas foram suficientes para as lavouras em granação em fevereiro e março (Figuras 6 e 7). Nas outras regiões, em fevereiro, houve baixa restrição por falta de chuva. Em março, apenas no Norte, Jequitinhonha e Mucuri observaram-se problemas.

As chuvas reduzidas de abril a agosto (Figuras 8 a 12 e Gráfico 1) favoreceram a maturação e a colheita.

Gráfico 1 – Estações meteorológicas do Inmet em Minas Gerais



cont.



Fonte: Inmet.

Tabela 1 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/14 a agosto/15, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Minas Gerais

		Minas Gerais												
Meses		Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Minas Gerais	Sul e Centro-Oeste	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF	M	M/C	M/C	C	C	C
	Triângulo, Alto Paraíba e Noroeste		F	CH	EF	EF/GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C
	Zona da Mata, Rio Doce e Central		F	CH	EF	EF/GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C
	Norte, Jequitirhonha e Mucuri		F	CH	EF	EF/GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C

Legenda: *(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Favorável Baixa restrição falta de chuva Média restrição falta de chuva

7.1.2. Condições climáticas

A escassez e a irregularidade das chuvas foram marcantes ao longo de quase todo o ano de 2014 em Minas Gerais, comprometendo o desenvolvimento das lavouras e o potencial de produção em 2015. As condições climáticas melhoraram no último trimestre de 2014, com ocorrência de chuvas de maior intensidade a partir do final de outubro, e de forma mais continuada e bem distribuída em novembro e dezembro, permitindo o vingamento de floradas e alguma recuperação das lavouras. O veranico que se seguiu em janeiro, acompanhado de temperaturas bastante elevadas, receio de abortamento de chumbinhos e estresse das lavouras, foram motivos de novas preocupações, mas o período de chuvas retornou e se estendeu até junho, beneficiando os cafezais, seja em termos de enfolhamento, seja em termos de retenção da carga produtiva, embora, com o avanço da colheita, venha sendo constatada uma maior incidência de grãos miúdos e quebra na renda do beneficiamento. Julho transcorreu mais seco, mas com temperaturas baixas e dias nublados, concorrendo para alongar o tempo de secagem destes primeiros lotes de café nos terreiros e, em alguns casos, afetando a qualidade da bebida.

7.1.3. Situação das lavouras

A falta de chuvas e a deficiência nos tratos culturais, decorrentes do clima seco em 2014, concorreram para o baixo crescimento dos ramos produtivos e para a desfolha dos cafezais, comprometendo ainda o vingamento das primeiras floradas, ocorridas em agosto.

Podas foram realizadas nas lavouras mais sentidas, visando reduzir custos de manutenção, bem como sua recuperação para a safra 2016, mas de modo geral, os produtores procuraram preservar as lavouras que apresentavam potencial de produção razoável na presente safra, em face de expectativa de preços de mercado favoráveis e à necessidade de geração de renda para compensação dos fracos resultados da safra anterior.

A retomada das chuvas no último trimestre, bem distribuídas e com alternância de períodos de sol, viabilizaram a realização dos tratos culturais, em termos de adubação e de aplicação de defensivos para controle de pragas e doenças propiciaram condições favoráveis ao desenvolvimento dos cafezais. Ocorreram diversas floradas, iniciando em agosto e chegando até a primeira semana de dezembro, mas com melhor vingamento entre final de outubro e início de novembro. A carga produtiva foi menor em função do

menor crescimento dos ramos, as rosetas ficaram mais ralas e os grãos desuniformes.

O forte veranico ocorrido em janeiro, acompanhado de altas temperaturas, impactou as lavouras na fase de enchimento dos grãos. As chuvas retornaram em fevereiro e se estenderam ao longo de todo o primeiro semestre de 2015, viabilizando a retenção da carga produtiva e favorecendo o enfolhamento das lavouras.

A maturação desuniforme, a colheita iniciada com atraso e com maior percentual de grãos verdes, a renda no beneficiamento aquém do esperado, a peneira baixa e o prolongamento do tempo de terreiro nas primeiras colheitas, devido ao tempo nublado e clima mais frio, trouxeram alguns prejuízos à qualidade da bebida.

Os problemas com broca têm ficado aquém do esperado, e com cercóspora e bicho mineiro não têm sido mais sérios que em anos anteriores, mas tem havido maior incidência de ferrugem tardia, em face do prolongamento do período chuvoso e das dificuldades iniciais de controle preventivo, já causando alguma desfolha nas lavouras.

7.1.4. Estimativa de produção

A produção de café em Minas Gerais está estimada em 21,86 milhões de sacas na safra 2015. Em comparação com a safra 2014 o resultado do presente levantamento sinaliza redução de 3,5% na produção cafeeira de Minas Gerais. A área em produção totaliza 967.456 hectares, 2,8% abaixo da safra passada, e a produtividade média do estado está estimada em 22,59 sc/ha.

Em comparação com a safra 2013 estima-se retração de 21%, com redução de produção em todos os roteiros pesquisados: na região do Sul de Minas, com 23,2%, seguida pela Zona da Mata, com 19,4%, Cerrado Mineiro, com 18,8% e Norte de Minas, com 13,8%.

Sul de Minas (Sul e Centro-Oeste)

A safra de café do Sul de Minas foi reavaliada a menor neste terceiro levantamento, devendo totalizar 10,25 milhões de sacas, 5,09% abaixo da estimativa divulgada em junho e 5,1% aquém dos fracos resultados alcançados na safra 2014, que foi severamente prejudicada pelo longo período de estiagem e altas temperaturas, e fechou em 10,8 milhões de sacas; comparativamente à safra 2013, que totalizou 13,36 milhões de sacas, e ao recorde de produção alcançado na safra 2012, com 13,79 milhões de sacas, a retração foi bem mais significativa, 23,2% e 25,7%, respectivamente.

A área de café em formação e renovação cresceu 19,2%, somando 143.657 hectares, já a área de café em produção caiu 5,3%, relativamente à safra 2014, passando para 474.611 hectares. Os plantios ficaram aquém da demanda em potencial, limitados pela escassez e insuficiência de mudas, seja para replanta, renovação ou para abertura de áreas.

As podas, notadamente por meio de esqueletamento ou safra zero, vêm sendo cada vez mais utilizadas, com vistas à recuperação de lavouras mais afetadas e também a suavizar o ciclo de bienalidade da produção cafeeira. Na safra atual o manejo de podas só não foi mais acentuado porque a expectativa de que os preços de mercado se mantivessem favoráveis e a necessidade de geração de renda para compensação de perdas da safra anterior induziram grande parte dos produtores a preservar ao máximo as lavouras viáveis de produção em 2015.

No tocante à produtividade média projetada para 2015 no Sul de Minas espera-se que o resultado fique em torno de 21,6 sc/ha, superando em apenas 0,2% o resultado alcançado em 2014, mas 15,7% aquém dos níveis atingidos na safra 2013, que foram de 25,62 sc/ha.

Ressalte-se, neste comparativo em relação a 2014, que, com o avanço da colheita vem sendo confirmada uma queda na carga produtiva de café em coco, mas que, além disso, também tem sido apurada uma quebra no rendimento do café no beneficiamento, embora bem menor que na safra anterior, quando a renda ficou 20% abaixo da média histórica de 480 l/sc. Até à época do levantamento haviam sido colhidos no máximo 70% das lavouras e o beneficiamento ainda não chegava a 50%, mas nesta parcela inicial de colheita, em que as quebras são normalmente mais acentuadas, em face do maior percentual de grãos verdes, a renda tem variado de 520 a 600 litros de café em coco por saca de café beneficiado. Embora exista uma expectativa de que esta média melhore ao final da colheita, é fato que a quebra existe, que a renda vai ficar novamente abaixo da média histórica, e que a presente safra vem se caracterizando por cafés de grãos miúdos, peneira baixa, maior índice de catação, e também por alguns problemas em termos de bebida, notadamente naquelas lavouras colhidas nos períodos de clima mais frio e que demandaram maior tempo de terreiro para secagem.

Cerrado Mineiro (Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste)

A estimativa de produção de café para a região do cerrado mineiro é de 4,23 milhões de sacas. Comparativamente à safra anterior a produção deverá apresentar uma

redução de 26,6%. A área total de café na região está estimada em 204.134 hectares, sendo 170.634 hectares em produção e 33.500 hectares em formação e renovação. A área em produção diminuiu em 2,1%, em razão de reformas nas lavouras, com destaque para os esqueletamentos, na sequência de uma safra de alta produção sob adversidades climáticas significativas em 2014. Para a produtividade média a redução estimada é de 25%, passando de 33,06 sc/ha em 2014, para 24,8 sc/ha em 2015. A redução na produção de café para a safra 2015 na região do cerrado mineiro se deve ao fator bionalidade negativa da cultura, à intensificação das podas com redução da área em produção, às intempéries climáticas ocorridas durante o ano de 2014, que levaram ao menor crescimento dos ramos produtivos com diminuição da carga das lavouras e ao veranico ocorrido entre dezembro e janeiro de 2015, que comprometeu consideravelmente a renda do café colhido na safra atual.

As condições climáticas ocorridas a partir de outubro de 2014, dando início ao ciclo produtivo da safra 2015, foram consideradas favoráveis ao desenvolvimento vegetativo e produtivo dos cafezais, com boas perspectivas para a colheita da safra atual. A chegada das chuvas estimulou a abertura da principal florada da safra 2015 na primeira semana de novembro em praticamente toda a região do cerrado mineiro. A alternância entre períodos de chuva e de sol nos meses seguintes permitiu o bom desenvolvimento da florada e o pegamento dos frutos, motivando os cafeicultores a adotar os tratamentos culturais necessários ao resgate do potencial produtivo das lavouras, afetadas pelas adversidades climáticas registradas em 2014.

Entretanto, o veranico de aproximadamente 25 dias ocorrido entre o final de dezembro e janeiro de 2015, associado às altas temperaturas, na fase de granação dos frutos, potencializadas pelas condições adversas a que foram submetidas às lavouras em 2014, se traduziram em menor desenvolvimento dos grãos, reduzindo substancialmente o percentual de cafés com peneira 17 e acima, conseqüentemente, maior percentual de grãos moca, comprometendo as expectativas iniciais de produção de café na região do cerrado mineiro, inclusive nas áreas de cafés irrigados, que sofreram com as altas temperaturas e restrições hídricas, reduzindo a eficiência dos sistemas de irrigação. Há relatos de que a ocorrência de chuvas entre maio e junho provocou aumento de café de varrição e fermentação de grãos ainda na planta, comprometendo a qualidade da bebida.

Os dados obtidos neste levantamento apontam redução da ordem 16,3% na produtividade, quando comparado com o levantamento realizado em maio de 2015. Esta redução se deve a menor renda constatada no beneficiamento do café, ou seja, precisou-

se de mais café em casca para se obter um saco de café beneficiado. Estima-se que 65% a 70% das lavouras já foram colhidas e 50% a 55% beneficiadas. Acredita-se que até meados de setembro todos os trabalhos relativos à colheita da safra atual já estarão concluídos. De maneira geral as lavouras se apresentam com bom aspecto vegetativo, tendo sido registrados relatos de incidência de ferrugem tardia nos cafezais, em razão do prolongamento do período chuvoso.

Zona da Mata Mineira (Zona da Mata, Rio Doce e Central)

A estimativa de produção de café para a safra 2015 na região do Rio Doce e Zona da Mata é de 6,7 milhões de sacas. A área em produção para a região está estimada em 288.336 hectares, incremento de 1,4% em relação à safra passada. A produtividade média cresceu 24,7% em relação à safra anterior, passando de 18,64 sc/ha em 2014 para 23,25 sc/ha em 2015. Desta forma, a produção deverá ser 26,4% maior, devido à bialidade positiva das lavouras, ao aumento da área em produção, à melhoria dos tratamentos culturais incentivados pela recuperação dos preços do café em 2014 e às boas floradas ocorridas na região. Mas em comparação com o levantamento anterior essa expectativa de crescimento é significativamente menor devido ao baixo rendimento observado a partir das operações de beneficiamento.

Os impactos das adversidades climáticas sobre os cafezais em 2014 e início de 2015 comprometeram o potencial produtivo das lavouras, principalmente daquelas situadas em menores altitudes. Os baixos índices pluviométricos entre o final de dezembro e o início de fevereiro afetaram as lavouras na fase de enchimento dos grãos, resultando em grãos miúdos e, conseqüentemente, em baixo rendimento, refletindo a estimativa de uma produção significativamente menor do que a esperada. Nas lavouras situadas em altitudes mais elevadas os produtores esperam por melhores rendimentos, já que a maturação mais tardia dos frutos e as condições de clima ameno e retenção de umidade no solo podem ter beneficiado os cafezais.

O café beneficiado apresenta tamanho reduzido, com percentual de grãos moca acima da média nas amostras. Além disso, a qualidade da bebida desses cafés também pode estar comprometida devido às frequentes chuvas na região na ocasião da colheita e secagem nos terreiros.

A safra 2015 ocorre na sequência de uma safra extremamente baixa em 2014, sendo, portanto, considerada como safra de bialidade alta ou positiva, em uma condição produtiva inversa às demais regiões produtoras de café em Minas Gerais.

A forte estiagem acompanhada de elevadas temperaturas voltou a ser o motivo da redução do potencial produtivo da cultura, e a falta de umidade no solo comprometeu o enchimento dos grãos de café, a absorção dos nutrientes pela planta e o controle fitossanitário das lavouras.

Aproximadamente 85% das lavouras encontravam-se colhidas, com finalização prevista para meados de outubro nas regiões de maior altitude. Entretanto, os trabalhos de beneficiamento podem ser prolongados em razão da ocorrência de dias nublados e parcialmente nublados na região. Desta forma, a redução do rendimento no beneficiamento dos cafés colhidos será novamente avaliada em dezembro de 2015, quando os trabalhos de colheita e beneficiamento estarão concluídos.

Norte de Minas, Jequitinhonha e Mucuri

O levantamento de safra de café aponta para redução, tanto na área em produção, como redução na produtividade, levando, conseqüentemente, a uma redução também na produção total de café na região.

Na safra de 2015 a área total a ser colhida deve ser de 33.875 hectares, que revela uma redução da área em torno de 3% em relação à safra de 2014. Esta redução, em parte, deve-se a reavaliações de áreas promovidas em algumas localidades. Por outro lado, embora as áreas em formação tenham sofrido um aumento de 11,6% na safra atual, na realidade o parque cafeeiro da região teve em relação ao total da área plantada um decréscimo de 2,2% este ano, se comparado com o ano passado.

A produtividade estimada mostra uma redução de 10,3% em relação a 2014. A produtividade, que na safra passada registrou 22,06 sc/ha, está calculada para este ano em 19,78 sc/ha. A estimativa é que, na safra atual, a produção total de não supere 670 mil sacas, 13% inferior à safra de 2014, que foi de 770,1 mil sacas.

As ocorrências climáticas desfavoráveis, que caracterizou a safra anterior, por certo são alguns dos fatores que contribuíram para justificar a redução da produtividade na safra 2015. A estiagem severa ocorrida no início de 2014 comprometeu o desenvolvimento dos cafeeiros, levou ao menor crescimento das hastes produtivas e menor número e espaço dos internódios, por conseguinte, a uma menor carga de grãos.

Após o início da temporada das chuvas, ainda no ano passado, favoráveis à abertura de boas floradas, ocorridas em outubro, novembro e dezembro, marcados com chuvas intensas e períodos breves de estio, benéficos ao bom pegamento dos frutos, janeiro e fevereiro foram seguidos por um prolongado veranico que, em algumas

localidades, acabou por impactar negativamente o desenvolvimento e enchimento dos grãos. Assim, o que se observa nessa safra de 2015 são grãos pequenos, chochos ou mal formados, contribuindo para um pior rendimento da lavoura.

Retomadas as chuvas em meados de março, prolongando-se durante todos os meses de abril, maio e até alcançar o início do inverno, concorreram para explicar as boas condições das lavouras, onde é visível o bom estágio vegetativo das plantas que se apresentam bem vestidas e vigorosas.

As chuvas passaram a serem vistas com preocupação, já que, além de atrasar a colheita, dificultando e onerando as operações, coloca em risco a boa qualidade dos grãos e, conseqüentemente, reduzindo a qualidade da bebida.

7.1.5. Considerações finais

As estimativas de produção da safra mineira de café 2015 estão estimadas em 21,86 milhões de sacas e ficaram 7,6% abaixo dos resultados apurados no levantamento anterior. A retomada das chuvas no último trimestre de 2014 e de fevereiro a junho do corrente ano não conseguiu, reverter todos os danos causados pelas intempéries do ano passado, mas possibilitou que não se tornassem ainda mais sérios, e viabilizou a recuperação dos cafezais e a preservação da carga produtiva existente na presente safra, mas com uma renda de beneficiamento novamente aquém da média histórica, resultando numa redução de 0,7% na produtividade média, estimada em 22,59 sc/ha.

Em termos da produção de café em Minas Gerais, estima-se uma retração de 3,5%, comparativamente ao ano safra 2014, que fechou com 22,64 milhões de sacas, e uma queda de 21% comparada a 2013, quando se atingiu uma produção recorde de 27,66 milhões de sacas.

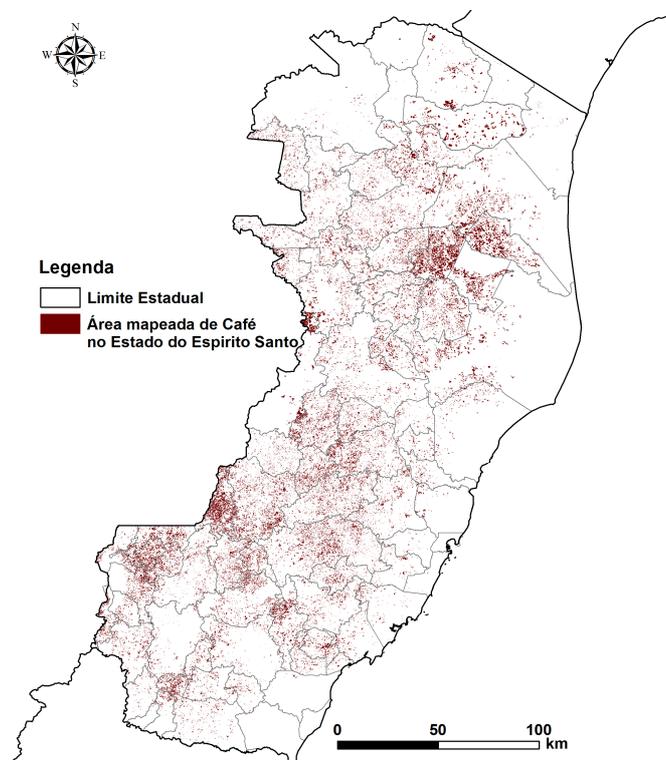
Com relação à qualidade da safra de café 2015, vem se confirmando um maior volume de cafés de peneira baixa, visto que os períodos de estiagem acabaram comprometendo o enchimento dos grãos, e também uma maior incidência de cafés com problemas de bebida, em face do clima mais frio na fase inicial das colheitas.

No tocante ao rendimento do café no beneficiamento, diferentemente da safra passada, em que as quebras decorreram do altíssimo índice de grãos chochos e mal granados, a presente safra tem apresentado rendimentos menores devido à maior presença de grãos miúdos.

7.2. Espírito Santo

7.2.1. Monitoramento agrometeorológico

Figura 14 – Mapeamento do café no Espírito Santo



Fonte: Conab.

A baixa precipitação que ocorreu em setembro (Figura 1) na maior parte do estado desfavoreceu a ocorrência de floradas da safra 2015. Já em outubro e novembro, as condições foram favoráveis ao desenvolvimento das lavouras (Figuras 2 a 4).

No entanto, de dezembro a fevereiro (Figuras 5 a 7), baixa precipitação e altas temperaturas impactaram as lavouras em granação dos frutos. O mês de janeiro foi o mais crítico em relação à temperatura e à condição hídrica.

As chuvas reduzidas de abril a agosto (Figuras 8 a 12) favoreceram a maturação e a colheita.

Tabela 2 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro a agosto/15, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café

Espírito Santo													
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C

Legenda: *(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Favorável
Baixa restrição falta de chuva
Média restrição falta de chuva

7.2.2. Estimativa de produção

O estado do Espírito Santo deverá produzir um total de 10,38 milhões de sacas de café, ou seja, 2,94 milhões de sacas de café arábica e 7,44 milhões de café conilon, representando 28% e 72% da produção total do estado, respectivamente. Tal resultado representa uma redução de 19% na produção em relação à safra anterior (12,81 milhões de sacas).

Para o café arábica a produção de 2,94 milhões de sacas, superior em 2,9% em relação à safra passada (2,86 milhões de sacas) deve-se a uma área a ser colhida de 156.601 hectares com a população de covas de 534.717 pés de café e a produtividade média de 18,76 sc/ha.

Para o café conilon a produção de 7,44 milhões de sacas, inferior em 25,2%, em relação à safra passada (9,95 milhões de sacas), deve-se a uma área colhida de 273.701 hectares com a população de covas de 610.469 pés de café e uma produtividade média de 27,18 sc/ha.

7.2.3. Café conilon

A colheita da safra 2014 de café conilon no Espírito Santo totalizou a produção de 9,95 milhões de sacas e a de 2015, estimada em 7,44 milhões de sacas, está com a colheita praticamente concluída, porém, algumas variedades tardias que ainda estão sendo colhidas e a previsão de encerramento está prevista para o final de agosto a meados de setembro.

Constatou-se que a forte insolação, aliada à temperatura extremamente elevada, foram os principais fatores responsáveis pela diminuição da safra de 2015. O depoimento recorrente foi de que, com a temperatura elevada e o sol forte as plantas se “fechavam”, o que se entende pela paralisação do metabolismo como mecanismo de sobrevivência, fazendo com que, mesmo irrigado o café permanecesse murcho, sem conseguir absorver a água e os nutrientes aplicados.

Em agosto, setembro e outubro ocorreram vários ventos vindos, principalmente do sul, que além de fortes se apresentavam frios e algumas vezes acompanhado de fina chuva, o que promoveu uma grande queda de folhas do cafezal, prejudicando o pegamento dos frutos naquelas lavouras posicionadas nas faces mais expostas a eles. As lavouras mais novas sofreram menos com estes ventos e se encontraram em boas condições de folhas e com bom vigor vegetativo, assim, este fenômeno não afetou tanto sua produção, tendo seu desempenho limitado apenas por outros fatores que incidiram

em toda lavoura.

A falta de chuva também prejudicou muitas lavouras, principalmente as mais despreparadas, onde não houve planejamento em construir represas ou outros reservatórios de água e conjuntamente caixas secas para ajudar a abastecê-los e ainda carregar o lençol freático. Assim, houve “abandono” de muitas lavouras devido à falta de chuvas, pois não achavam mais viável cuidá-las, o que fez a produtividade cair mais.

Houve casos de ataque de cochonilha, praga que se aloja na roseta junto ao botão floral, às flores e ao chumbinho (grão ainda pequeno), onde forma a colônia, que é composta por ninfas e adultos. Seu principal dano é a sucção da seiva, que provoca a mumificação do chumbinho e forma uma roseta com pequeno número de grãos, causando perdas de até 100%, fenômeno chamado pelos produtores de banguelamento. Foi observada também a ocorrência do ácaro-vermelho, em função do baixo volume de chuvas, uma vez que sua ocorrência lava as folhas, retirando parte dessa praga. No momento há também grande incidência de ferrugem e ainda casos de lagarta da roseta.

A carga de folhas das lavouras e a sua cor apresentam boa condição, porém, grande parte delas estão “banguelas” ou com frutos pouco cheios (chochos), com poucas rosetas por ramo e ainda menos frutos do que o esperado por roseta. Este fato ocorreu devido à falta de chuva em dezembro e janeiro, aliado à evapotranspiração muito elevada, justamente no período que deveria haver maior desenvolvimento dos grãos. Assim, houve uma queda no rendimento do café maduro para o café beneficiado em torno de 20 a 30% em um grande número de lavouras.

De modo geral a mão de obra para a colheita do café não é problema em todos os municípios visitados, pois em muitos deles a colheita semimecanizada já se faz presente, aumentando bastante o rendimento de colheita por trabalhador, que passou de 15 sc/homem/dia para, em média, 30 sacas. Através deste sistema, a poda da planta é realizada em conjunto com a colheita. Dito isto, é certo que este tipo de colheita será uma alternativa para redução de custos com a mão de obra. Ainda estão fazendo os ajustes nas máquinas e nas lavouras e em breve a colheita mecanizada será uma realidade para grande parte da cultura do café conilon.

Por todos os aspectos observados a campo, podemos concluir que a redução na safra 2015 será maior que o observado anteriormente, levando-nos a estimar que ficará em torno de 25,2%, pois a grande produção da safra passada, adicionados os problemas identificados para esta, acabaram por extenuar os cafezais, refletindo em baixa produção e produtividade.

7.2.4. Café arábica

A colheita encontra-se concluída em 65% das lavouras. A estimativa da produção tende a um decréscimo de 2,4 % em relação ao primeiro prognóstico motivado pelo clima desfavorável, principalmente em janeiro e fevereiro deste ano, ocasionando redução do uso de insumos e outros procedimentos essenciais para a manutenção dos cafezais.

Em consequência de situações desfavoráveis, como a falta de chuva que culminou com a fase de enchimentos dos grãos, observou-se um baixo rendimento da produção, grãos miúdos e leves, peneira baixa, implicando significativamente na quebra da produção. Em contrapartida não houve nenhum registro de pragas nas lavouras, o que vislumbra um ponto positivo da safra. A maturação desuniforme (cafés verde, maduro, seco, chocho, etc) tem contribuído para a queda de qualidade.

Torna importante frisar que para os cafés superiores, bebida, os preços chegam a patamares bem diferenciados. A profissionalização do produtor, obrigatoriamente deve ser o foco principal, sob pena deste ter de optar para a diversificação de cultura, fator importante nos dias atuais. No intuito de orientar os produtores sobre a qualidade do café para efeito de comercialização, o Incaper mantém em Brejetuba um posto de classificação de café.

7.3. São Paulo

7.3.1. Monitoramento agrometeorológico

Em São Paulo foram realizados dois mapeamentos. O mais atual é apresentado na Figura 15, com a localização das estações meteorológicas do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet).

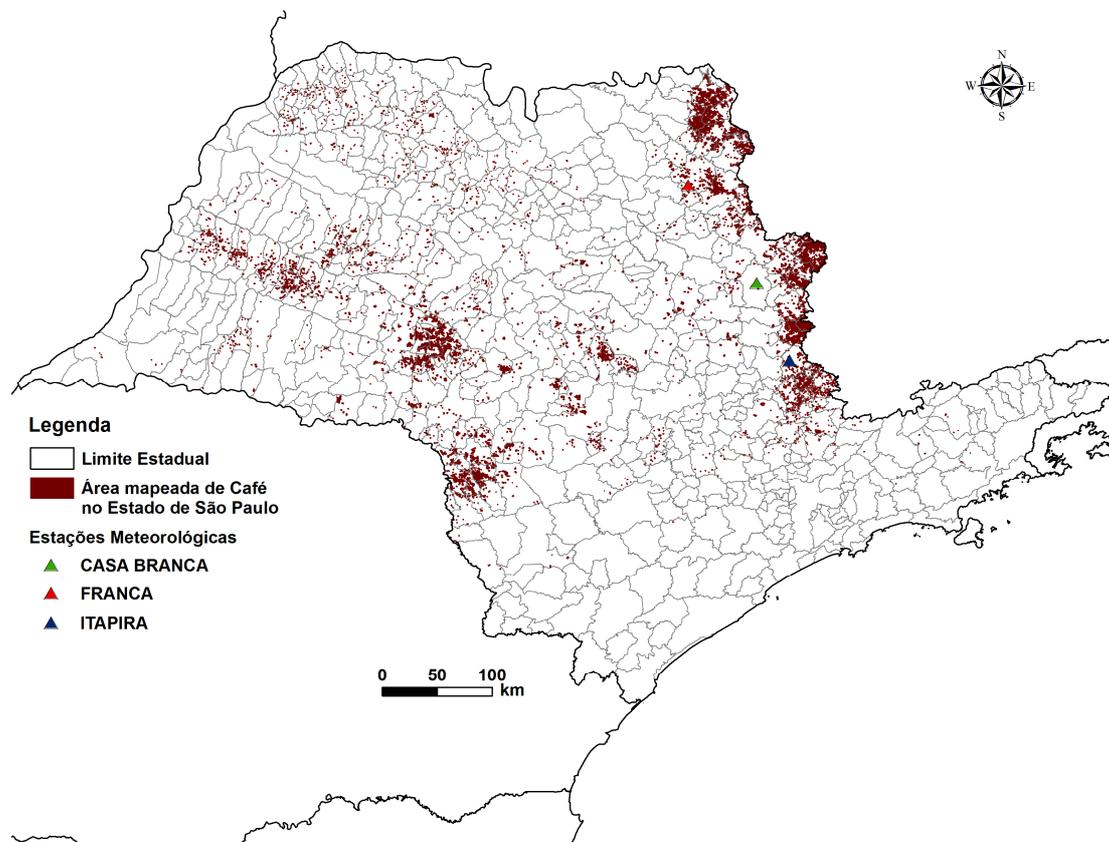
Nas lavouras localizadas ao sul de São Paulo as chuvas em setembro (Figura 1) favoreceram a ocorrência de floradas da safra 2015. No entanto, chuvas abaixo da média e altas temperaturas em outubro (Figura 2) implicaram em dificuldades no pegamento dessas floradas e nas lavouras que já apresentavam o chumbinho.

Já nas lavouras localizadas no nordeste de São Paulo verificou-se uma situação semelhante à de Minas Gerais. Foi registrada baixa precipitação e altas temperaturas em setembro e outubro (Figuras 1 e 2), que implicaram atraso na ocorrência das principais floradas.

A partir de novembro e dezembro as chuvas ocorreram com melhor distribuição e em maior volume (Figuras 3 e 4). Consequentemente, as floradas ocorreram com maior intensidade e houve benefício ao pegamento das floradas, à formação dos chumbinhos e

à expansão dos frutos.

Figura 15 – Mapeamento do café em São Paulo



Fonte: Conab.

Já em janeiro (Figura 5), as chuvas abaixo da média aliadas a altas temperaturas impactaram lavouras no estágio crítico de granação dos frutos. No entanto, parte das lavouras se recuperou com as chuvas dentro ou acima da média em fevereiro e março (Figuras 6 e 7).

As chuvas reduzidas de abril a agosto (Figuras 8 a 12 e Gráfico 2), favoreceram a maturação e a colheita.

Tabela 3 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/14 a agosto/15, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café em São Paulo

São Paulo													
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases	F**	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C

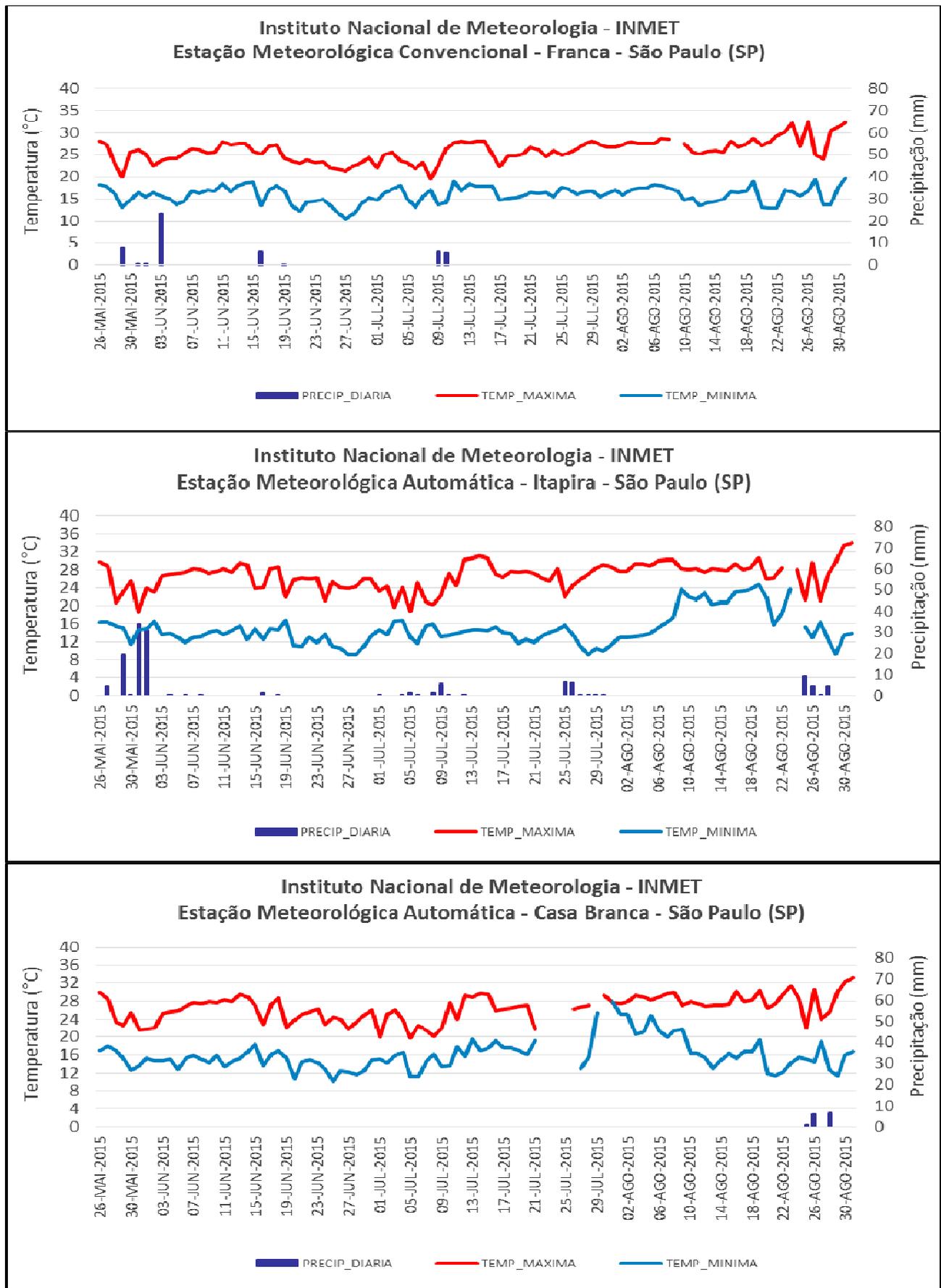
Legenda: *(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Nas lavouras localizadas ao sul do estado, houve condição favorável.

Favorável Baixa restrição

 falta de chuva

Gráfico 2 - Estações meteorológicas do Inmet em São Paulo



Fonte: Inmet.

7.3.2. Estimativa de produção

A terceira estimativa da safra 2015 indica que a quantidade a ser colhida de café em São Paulo deverá atingir uma produção de 3.834,9 mil sacas. O resultado representa redução de 16,4% frente à safra anterior.

As condições climáticas atuais vêm favorecendo a colheita das lavouras de café, mas em virtude dos elevados danos causados por severa estiagem ao longo de 2014, os prejuízos causados às plantas foram extensos. Nas principais regiões produtoras de café do estado ocorreu altas temperaturas e baixo regime pluviométrico, que ocasionou estresse hídrico nos períodos mais críticos no desenvolvimento da planta:

- No primeiro trimestre de 2014 – onde a umidade do solo era importante na granação dos frutos, no crescimento dos ramos e na nutrição das plantas.

- No decorrer do segundo semestre de 2014 – quando a umidade era de vital importância, no tocante ao armazenamento da água no solo, no crescimento dos ramos produtivos, no enfolhamento e no abotoamento e floração dos cafeeiros.

Desta forma, a falta de chuvas em 2014 mostrou um acentuado quadro de estresse dos cafeeiros, sendo determinantes na formação da ramagem e na manutenção da folhagem, fatores importantes na potencialização da safra à frente. Diante disso, para a safra 2015 os cafeeiros chegaram na pré-florada mal nutridos e estressados pelas condições adversas, tendo como consequência o menor crescimento dos ramos (nós menores), além de apresentar ramos secos (sem chumbinhos).

Além disso, as más condições climáticas registradas no ano anterior, ciclo de baixa bienalidade e os menores tratos culturais por parte dos produtores, motivados pelos baixos preços do café, foram fatores que incentivaram forte podas nos cafezais e até mesmo a erradicação de plantas.

No cinturão cafeeiro da Alta Mogiana de Franca, o mais relevante no estado, estima-se que haverá uma considerável redução na produção da presente safra, com uma expectativa de queda em torno de 40%, frente à quantidade colhida na safra anterior.

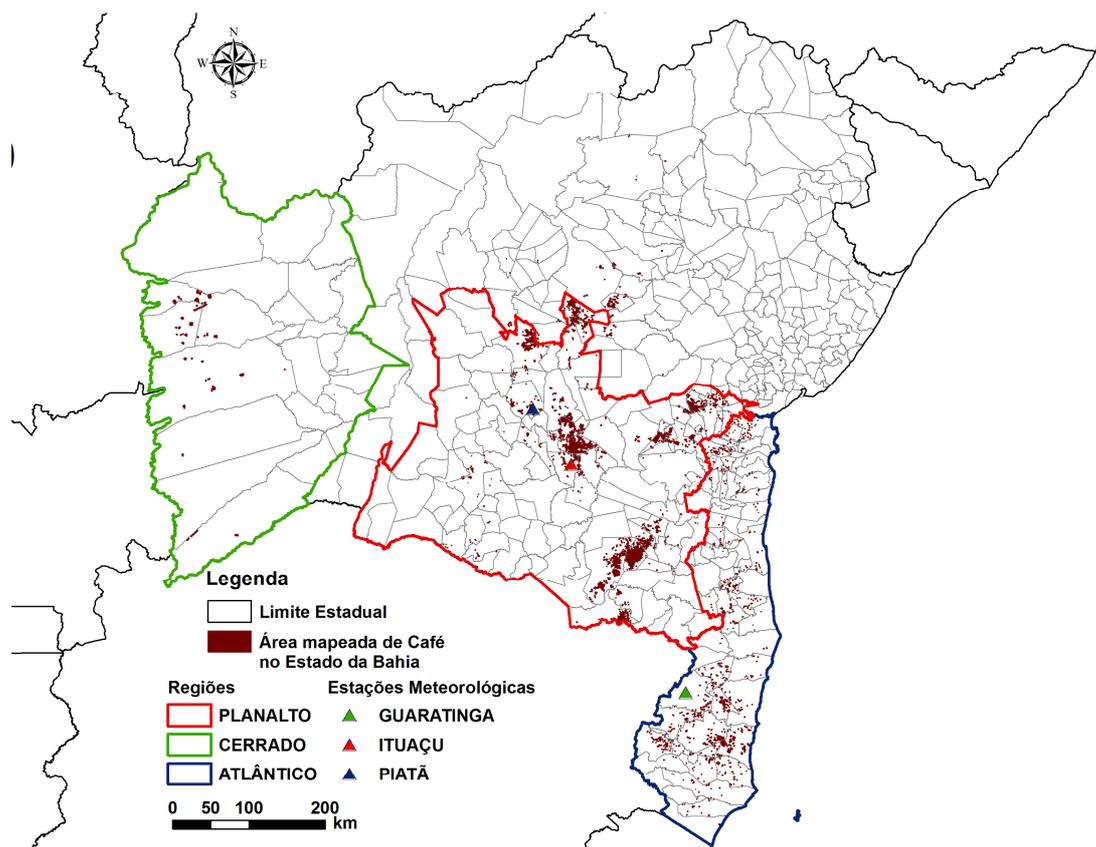
A estimativa de área ocupada com lavouras de café no estado somou nesse levantamento 215.132,6 hectares cultivados, 1,5% ou 3.096,6 hectares superior à área da safra anterior. Da área em cultivo, 203.490,6 hectares estão em produção e 11.642 hectares em formação. Enquanto as lavouras em produção exibem estande de 3.409 pés por hectares, as lavouras em formação alcançam os 3.213 pés por hectares, indicando que os cafeicultores estão adensando suas lavouras, visando, quando a situação climática permitir, o incremento da produtividade média.

7.4. Bahia

7.4.1. Monitoramento agrometeorológico

O mapeamento do café na Bahia é apresentado abaixo, com a respectiva divisão das regiões produtoras de café e a localização das estações meteorológicas do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet).

Figura 16 – Mapeamento do café na Bahia



Fonte: Conab.

Na região do Planalto as precipitações em outubro (Figura 2) não beneficiaram a floração da safra 2015. Já em novembro e dezembro (Figura 3 e 4), nessa região e no Atlântico, as condições climáticas foram favoráveis à floração e à expansão dos frutos.

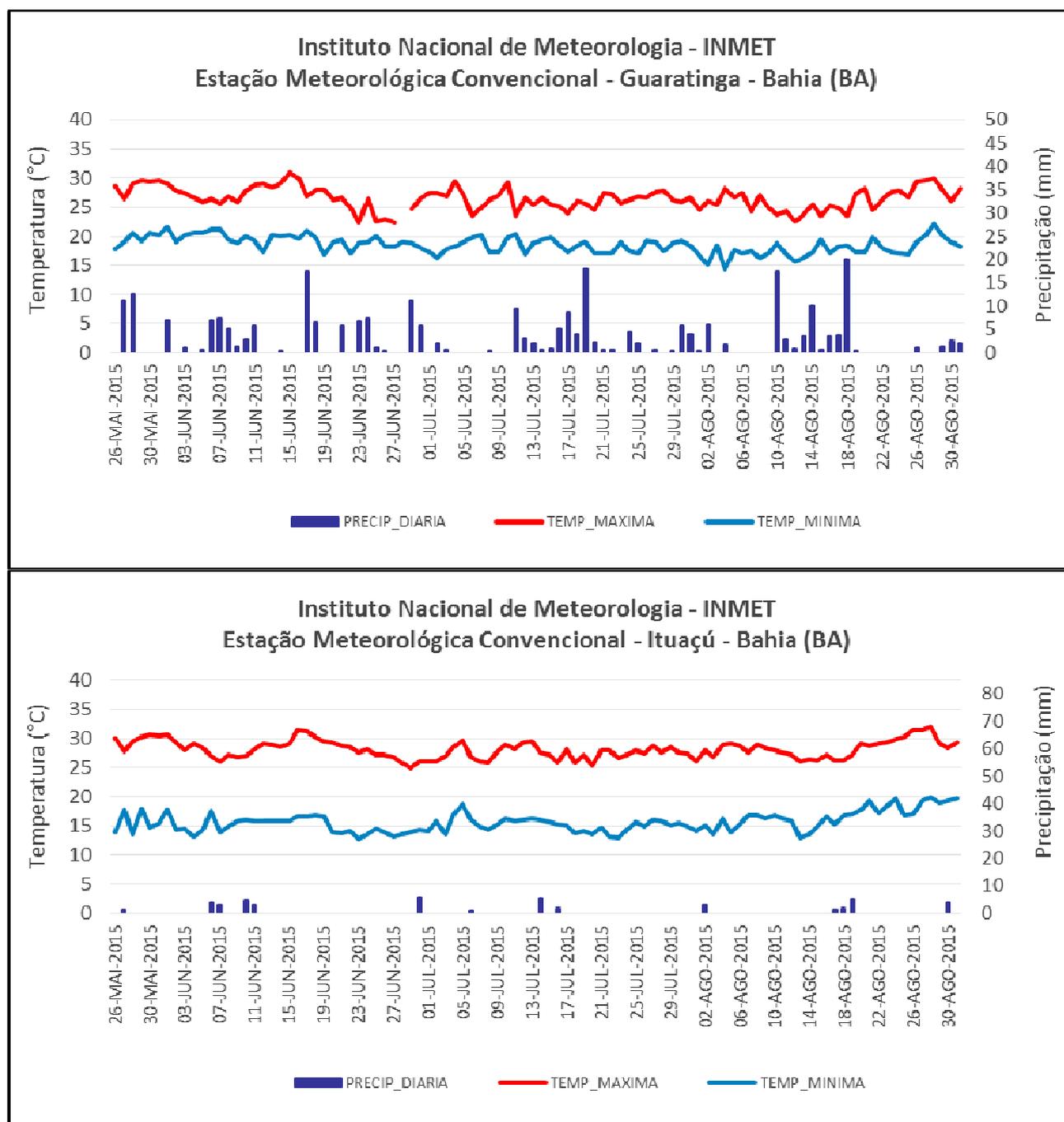
Em janeiro (Figura 5), as chuvas abaixo da média aliadas a altas temperaturas impactaram lavouras em granação dos frutos no Atlântico e com maior intensidade no Planalto, onde predomina o cultivo do café arábica.

Em fevereiro (Figura 6), nessas regiões as condições climáticas se alteraram com maior volume de chuva e redução na temperatura. No entanto, não foram suficientes para atender as necessidades das lavouras, implicando em restrição por falta de chuva. Em

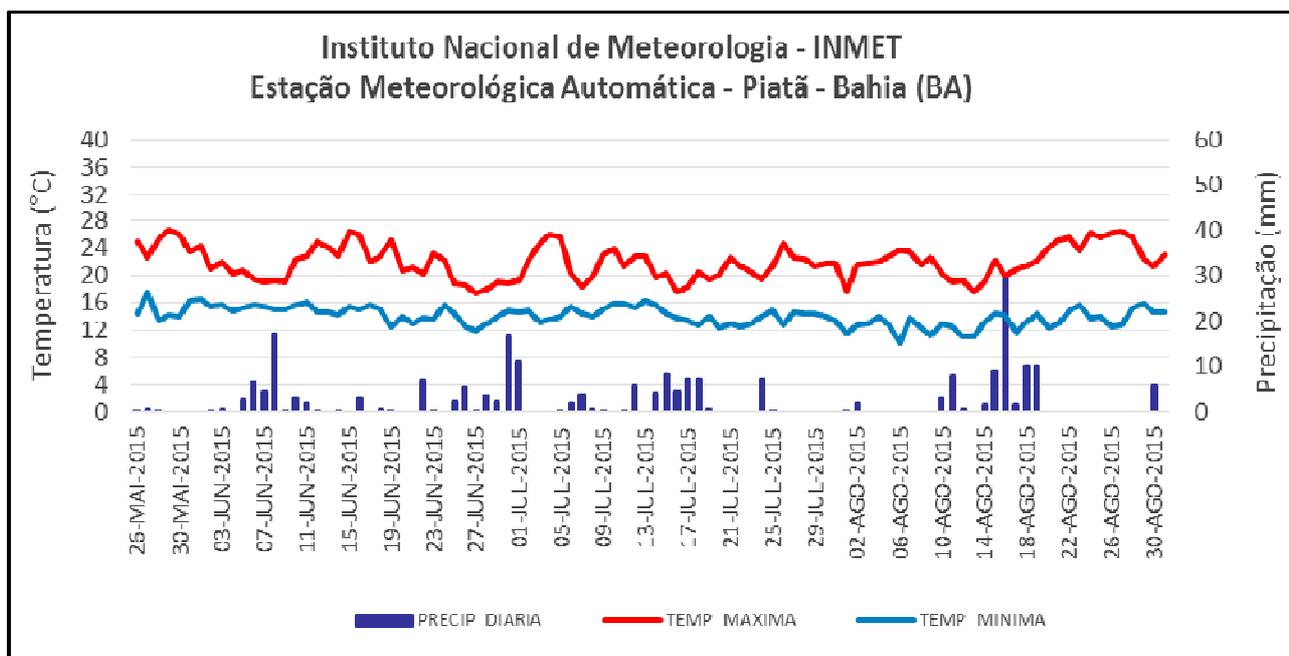
março (Figura 7), a condição de restrição se manteve na região do Planalto. As chuvas reduzidas de abril a agosto (Figuras 8 a 12 e Gráfico 3) favoreceram a maturação e a colheita.

Na região do Cerrado, onde as lavouras possuem o manejo irrigado, não se verificou nenhum evento climatológico que pudesse prejudicar a safra 2015 até agosto (Figuras 1 a 12). No entanto, em regiões pontuais, as chuvas acima da média causaram atrasos na colheita em abril.

Gráfico 3 - Estações meteorológicas do Inmet na Bahia



cont.



Fonte: Inmet.

Tabela 4 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de outubro/14 a agosto/15, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café na Bahia

		Bahia											
Meses		Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases	Cerrado**	F	F/CH	EF	EF/GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C
	Planalto	F	F/CH	EF	EF/GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C
	Atlântico	F	F/CH	EF	EF/GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C

Legenda: *(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Região irrigada.

Favorável (verde) Baixa restrição falta de chuva (amarelo) Média restrição falta de chuva (laranja)

7.4.2. Estimativa de produção

A queda na área de produção do Cerrado e o declínio da produtividade no Planalto, regiões produtoras do café arábica, levaram à redução de 12,7% na produção deste tipo do grão, que registrou 1.162,1 mil sacas beneficiadas. A espécie conilon é cultivada na região Atlântico (sul e extremo sul). A produção registrada para o grão foi de 1.183,6 mil sacas, ante a uma produção de 1.040 mil sacas na safra de 2014, apresentando uma expansão de 13,8%. Esta elevação está alinhada ao crescimento da área plantada, de 32.600 hectares para 35.228 hectares, e sinaliza um ganho de produtividade nas lavouras cafeeiras. A produtividade média observada, que era de 31,9 sc/ha no ano anterior, foi de 33,6 sc/há nesta safra. Apesar do aparente bom resultado, devido à bienalidade negativa, a região não atendeu à expectativa inicial de produção.

7.4.3. Condições climáticas

Diversos fatores influenciam a produtividade de uma cultura e os elementos climáticos de maior relevância à produção do café são, principalmente, a temperatura do ar e a precipitação pluvial. Nos últimos 90 dias ocorreram chuvas em quase todas as áreas onde o café é cultivado no estado, com exceção do Cerrado baiano, onde a precipitação acumulada ficou entre 0 e 50 mm. No Planalto e Atlântico (sul e extremo sul) pode-se observar boas precipitações e melhores condições para o desenvolvimento cafeeiro.

Atlântico

No sul e extremo sul do estado, região produtora de café conilon, as condições climáticas foram consideradas relativamente boas para o desenvolvimento da cultura do café durante o primeiro quadrimestre do ano, favorecendo a frutificação, maturação e colheita dos frutos. Nos últimos dois meses (julho e agosto) as chuvas voltaram a se intensificar, revigorando as plantas. Em contrapartida, a alta umidade trouxe proliferação de algumas doenças, como a ferrugem.

Cerrado

No Cerrado baiano o início da colheita foi postergado para maio por conta das chuvas atípicas observadas em abril. A produtividade não foi afetada, pois as lavouras são irrigadas. Nos últimos três meses, praticamente não choveu na região. Esta condição de pluviosidade é normal para o período. As temperaturas máximas e mínimas variam entre 34°C e 12°C, respectivamente, a amplitude térmica é característica predominante nas regiões distantes do litoral.

Vale ressaltar que a umidade relativa do ar registrada para agosto foi de 20%, com uma tendência de queda para o próximo bimestre, dada à expectativa de que a estiagem se prolongue por setembro e outubro do ano corrente.

Planalto

No último levantamento da safra de café de 2015 foi destacado que a microrregião de Brejões, no Planalto baiano, sofreu com o veranico ocorrido em janeiro e fevereiro, fase de enchimento do grão, quando a umidade é essencial ao desenvolvimento da lavoura. O estresse hídrico, além de comprometer a qualidade do produto, fez com que as plantas diminuíssem o ciclo de desenvolvimento e, como consequência, causou a má

formação e diminuição do peso dos grãos. Neste terceiro levantamento, com 90% da produção colhida, observou-se a má qualidade do produto e a conseqüente perda do valor comercial, pois os grãos não atendem às exigências do mercado internacional e estão sendo destinados ao consumo interno.

Na microrregião de Seabra, o veranico observado em dezembro prejudicou a cultura do café na fase de florescimento. Em áreas irrigadas e que utilizam alta tecnologia, a baixa insolação, aliada às temperaturas mais amenas observadas em abril, prolongou a maturação dos frutos e propiciou melhor qualidade ao grão. Na microrregião de Morro do Chapéu a estiagem de março prejudicou o enchimento dos grãos do café. O clima e a precipitação local faz com que se tenham dois a três floradas ao ano, ocasionando dificuldade no momento da colheita, devido à maturação heterogênea do fruto e escassez e encarecimento da mão de obra.

No planalto de Vitória da Conquista, onde concentram os municípios com maiores produtores dos roteiros pesquisados, o veranico castigou a grande maioria das lavouras dessa região. As condições edafoclimáticas são ideais para a cultura cafeeira, pois o regime de chuvas ocorre em dois períodos distintos, chegando a acumular 1.200mm ao ano. No entanto, com a ocorrência de frequentes veranicos ocorridos nos últimos anos, algumas áreas foram abandonadas e, até mesmo, erradicadas, o que impactou negativamente na produção da região.

7.4.4. Aspectos fitossanitários

No sul e extremo sul a lavoura do café conilon, durante os quatro primeiros meses do ano, detectou-se a presença de pragas e doenças, ocasionando uma perda estimada em 5%. Verificou-se a presença da broca do fruto, broca da haste, lagarta da roseta, cochonilha e doenças, como a ferrugem, que age diretamente na planta e pode comprometer a produtividade do cafeeiro.

Com o veranico observado em janeiro, os frutos engrossaram a casca e perderam peso, o rendimento no secador caiu consideravelmente, pois com a casca mais grossa os grãos ficam menores e com menor peso.

O bicho mineiro é a principal praga no Cerrado, seguida pela broca do fruto. No entanto, o controle é realizado principalmente antes da eclosão dos ovos do bicho mineiro, sendo nesta fase mais eficiente. O custo deste controle é em torno de três sc/ha. Não há relatos de prejuízos econômicos pelo ataque de nematóides, cochonilha e cigarrinha de raiz.

No Planalto baiano os principais problemas fitossanitários são o bicho mineiro (*Leucoptera coffeella*) e a ferrugem (*Hemileia vastatrix*). As perdas foram causadas, principalmente, pelo dano indireto de secamento das folhas e posterior queda prematura do grão. Os produtores também relatam a ocorrência ocasional de Mancha de Phoma e Cercosporiose, porém com menor importância. A utilização de controle químico, principalmente controle preventivo, é a forma adotada para convivência com os problemas fitossanitários.

7.4.5. Situação das lavouras

Atlântico

A produção de conilon na Bahia concentra-se na região Atlântico, localizada no sul e extremo sul do estado. Nesta região predomina o cultivo da variedade conilon Vitória “Incaper 8142”, com destaque ao clone 12V (02) e a variedade Verdebras G35.

As colheitas findaram entre o final de julho e início de agosto deste ano. Do total colhido, cerca de 65% já foram comercializados, o restante destinou-se à formação de estoque pelos produtores e cooperativas. O preço médio da saca de 60 kg varia de R\$ 280,00 a R\$ 320,00, café robusta/conilon Tipo 7 e 8, bastante referenciado na região

Tendo em vista os diversos fatores positivos para o cultivo do café conilon nesta região (terra fértil e clima favorável), detectou-se a necessidade de melhorias no processo de colheita, que é feito manualmente, o que onera os custos de produção. Além, disso, os cafeicultores também reclamam da mão de obra cada vez mais escassa e desqualificada, o que encarece os custos de produção.

O mercado cafeeiro está cada vez mais exigente e, por isso, tem diferenciado os preços praticados para cada tipo de café. Até o final de 2014 a diferença entre o café tipo 7 e o café tipo 8 era de R\$ 5,00, em maio deste ano, ela estava em R\$ 10,00 (saca de 60 quilos). Um fator que compromete a rentabilidade é a falta de conscientização por parte de alguns produtores em tentar aumentar a qualidade do café produzido na sua fazenda, uma vez que o café é sendo secado de forma equivocada, com menos de 20 horas, o que compromete a qualidade do grão e a valorização do seu produto no mercado.

Cerrado

Durante as visitas realizadas nos municípios produtores de café do cerrado baiano observou-se que a qualidade da bebida desta região é classificada quase em sua totalidade, como “bebida dura”. O histórico da cultura, dada à produção irrigada e colheita

mecanizada, mostra que a qualidade não oscila entre as safras. A vantagem disso, é que as grandes empresas de torrefação vê nesse café um produto adequado para a formação de 'blenders' (combinações de grãos e pontos de torras diferentes).

A colheita do café na região do cerrado já está finalizada, mas o processamento do grão continua em andamento, a previsão é que os resultados para a safra atual sejam consolidados entre o final de setembro e meados de outubro. O município de Cocos apresentou melhores condições climáticas, o que auxilia a estrutura irrigada e permite alcançar uma melhor produtividade, 46 sc/ha.

A estimativa de produção para este ano é de 337,8 mil sacas, 22,4% abaixo do resultado observado na safra passada. Redução já esperada, tendo em vista a queda de 23,8% na área em produção, de 11.973 para 9.129 hectares. A produtividade média registrada para a região é de 37 sc/ha.

Cotado a R\$ 457,50 saca (café arábica duro tipo 6), a maior parte dos grãos será destinada ao mercado internacional, cerca de 70% para exportação, e 30% ao mercado interno.

Planalto

Com produtividade de apenas três sc/ha, a região de Brejões sofreu drasticamente com o estresse hídrico observado em janeiro e fevereiro deste ano. Além da frustração observada na produção, os grãos colhidos apresentam má qualidade e menor valor comercial. Cerca de 90% da colheita não “dá bebida” e, conseqüentemente, são destinados ao consumo interno, não atendendo às exigências do mercado internacional.

Na microrregião de Vitória da Conquista 80% da produção já foi colhida e 20% em fase de maturação. Embora registrando um aumento de área de 10,21% em relação à safra passada, a produção tende a ser estável, haja vista as condições climáticas adversas, especialmente em janeiro e fevereiro. A produtividade média, ante à safra anterior, declinou em 8,8%, e observa-se uma manutenção no nível do produto (incremento de 0,5%), desta forma, o ganho de área servirá para compensar a perda na produtividade. O principal fator que contribuiu para que não houvesse registro de quedas expressivas na região foi o bom desempenho das lavouras no município de Barra do Choça, que alcançou a produção de 162.840 sacas. Para a safra atual, a produção estimada é de 493.181 sacas, com produtividade de 8,2 sc/ha de café arábica.

Na microrregião de Seabra, apesar das condições climáticas favorecerem o enchimento de grãos do café, a produtividade teve uma pequena queda, quando

comparada à safra anterior, devido ao veranico no momento da floração. A produtividade média observada para a região é de 9,3 sc/ha, que poderia ser menor se não fossem as áreas irrigadas em Mucugê. Algumas áreas de menor produtividade são compensadas pelas vantagens de colher café de alta qualidade. Os cafés especiais são as categorias da bebida e dos grãos considerados de excelência e que possuem melhores valores de mercado.

A produção de café de alta qualidade nos municípios supracitados deve-se, principalmente, ao seu clima ameno e seco e à altitude em torno dos 1.100 a 1.500 m, a maior do país para a produção do café. Além disso, os produtores da região têm cuidado com atenção do momento da colheita e secagem do café, evitando o processo de fermentação dos grãos e agregando maior valor ao produto. Nas áreas de sequeiro a produtividade é em torno de oito sc/ha. Já nas áreas irrigadas, que corresponde a aproximadamente 19% da área total, os produtores realizam manejo eficiente do solo e das podas, obtendo assim uma produtividade de aproximadamente 34 sc/ha.

O café de boa qualidade, separado com frutos apenas na fase de maturação tipo cereja, despulpado e secado sem fermentação, é comercializado na média de R\$ 500,00 (saca de 60 quilos) na região. Já o café tipo Riado e Rio, que fermenta no momento da colheita ou da secagem, são comercializados à média de R\$ 300,00 a saca.

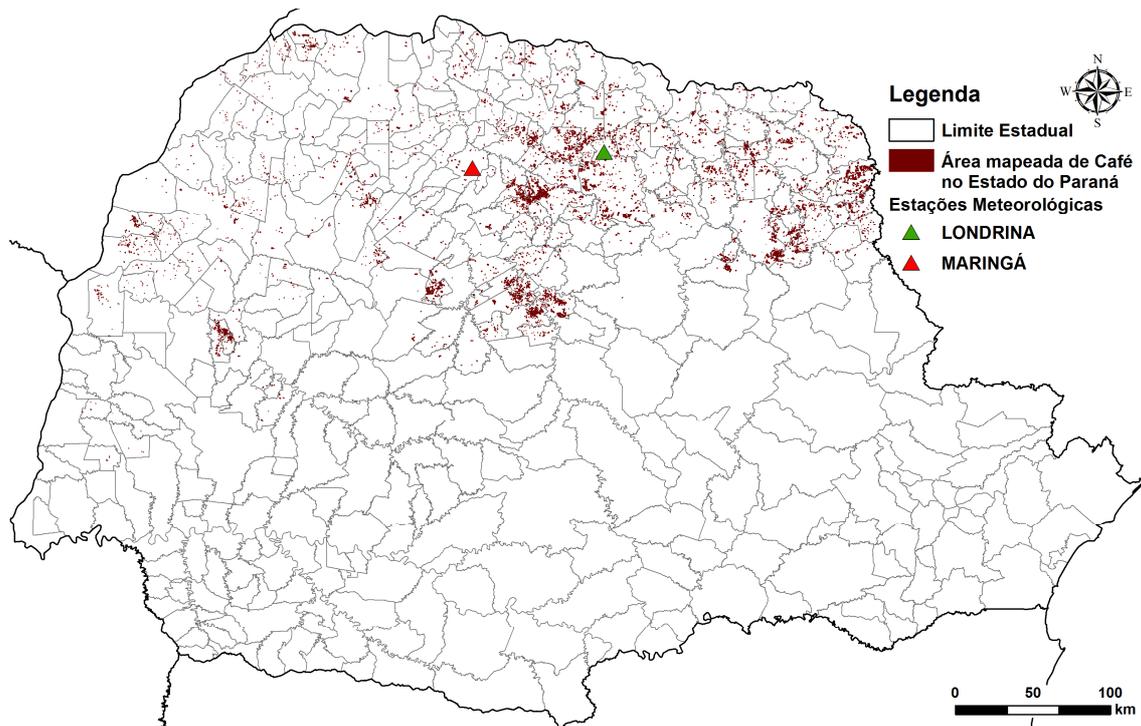
O clima e a precipitação da microrregião de Morro do Chapéu faz com que se tenham de duas a três floradas ao ano, característica que é nociva à eficiência da colheita, tendo em vista a maturação heterogênea do grão e o aumento das despesas com uma mão de obra cada vez mais escassa. Apesar da manutenção da área em produção, a produtividade média apresentou queda de 14,9%, quando comparada à safra anterior.

7.5. Paraná

7.5.1. Monitoramento agrometeorológico

No Paraná foram realizados dois mapeamentos. O mais atual é apresentado abaixo, com a localização das estações meteorológicas do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet).

Figura 17 - Mapeamento do café no Paraná

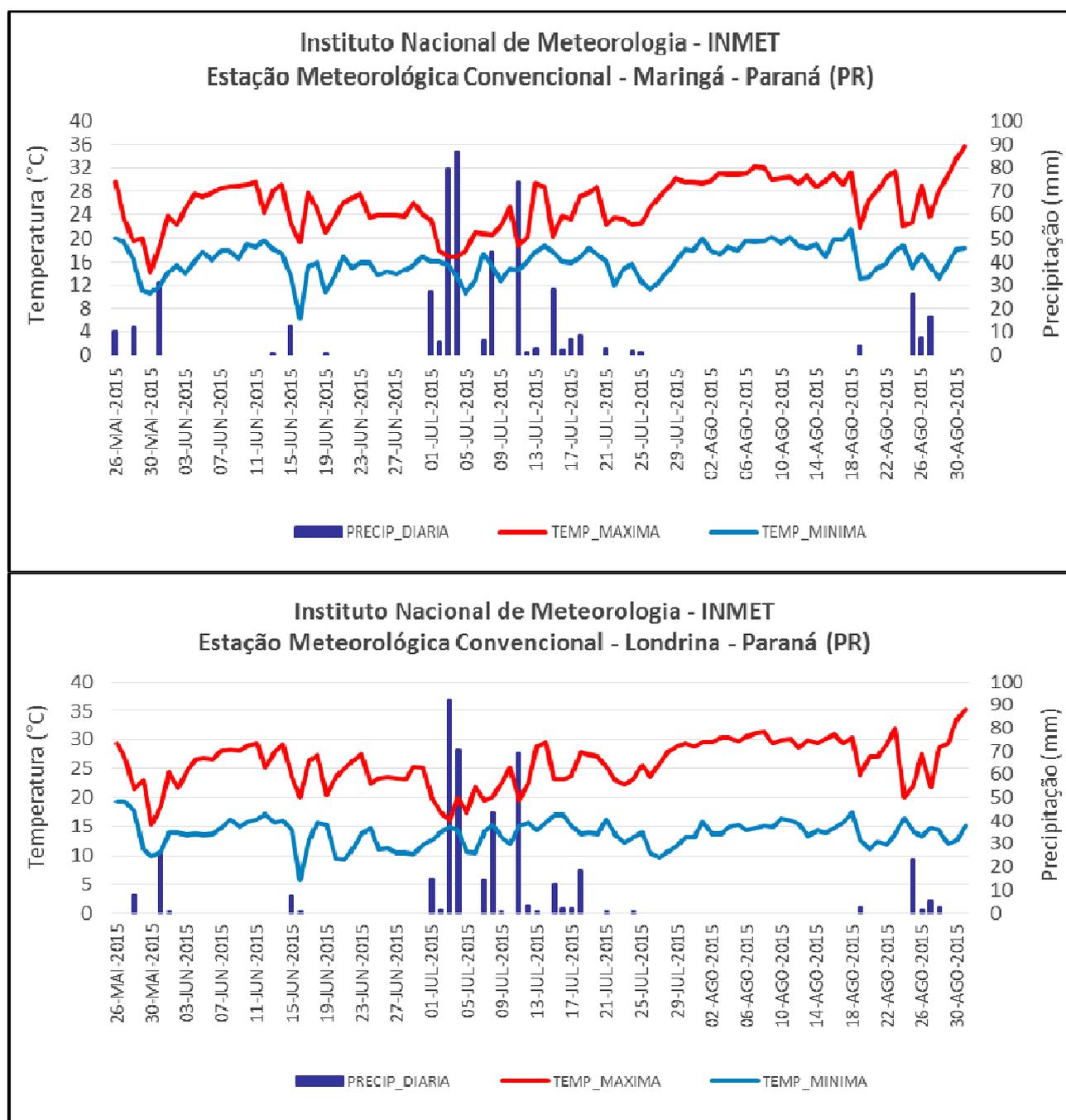


Fonte: Conab.

As chuvas em setembro (Figura 1) favoreceram as floradas da safra 2015. No entanto, em outubro (Figura 2), as chuvas abaixo da média podem ter dificultado o pegamento das floradas e a formação dos chumbinhos.

Já no período de novembro a agosto (Figuras 3 a 12 e Gráfico 4), as condições climáticas foram favoráveis às lavouras nos diferentes estádios, com exceção de julho (Figura 11). Nesse mês, o excesso de chuvas prejudicou o andamento da colheita e a qualidade dos grãos.

Gráfico 4 - Estações meteorológicas do INMET no Paraná



Fonte: Inmet.

Tabela 5 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/14 a agosto/15, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café no Paraná

Paraná													
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C

Legenda: * (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Favorável Baixa restrição Média restrição
 falta de chuva excesso de chuva

7.5.2. Estimativa de produção

A área total cultivada no Paraná está estimada em 53.050 hectares, sendo que 44.500 está em produção, representando 83,9% e 8.550 hectares encontram-se em formação, somando as lavouras novas e as que foram manejadas com podas que não têm colheita este ano.

A previsão atual é que sejam colhidas 1,21 milhões de sacas, volume 15% maior que a previsão inicial e 5% superior ao levantamento de maio deste ano. Além disso, deve ser 116,6% superior a safra 2014. O clima foi favorável durante o ciclo produtivo, garantindo boa formação dos frutos beneficiados pelas chuvas que ocorreram em volume satisfatório a partir das floradas nas principais regiões produtoras, mantendo boa regularidade no período de granação e maturação. Muitas lavouras que tiveram baixa produção em 2014 devido às geadas de 2013 estão com alta produção, contribuindo para o incremento da produtividade média da safra.

Se as boas condições climáticas garantiram uma boa produção elas não ocorreram durante o principal mês de colheita. Choveu muito em julho em todas as regiões cafeeiras, ultrapassando a média histórica para o período e prejudicou o trabalho e a qualidade da produção.

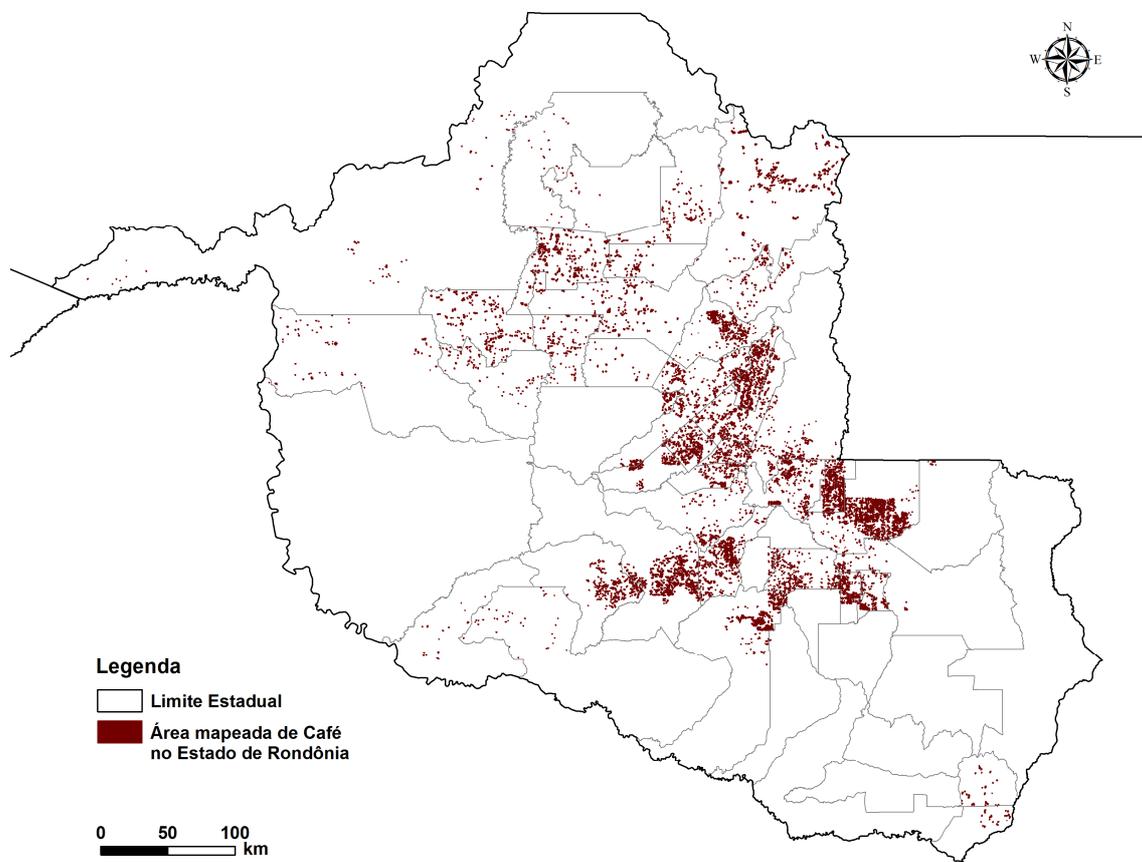
Até junho o clima favoreceu a colheita, que atingiu pouco mais de 30% do volume esperado na safra. Em julho a chuva intensa paralisou totalmente os trabalhos no campo, derrubou no chão parte da produção que estava pronta para ser colhida e os vinte dias de alta umidade prejudicou a qualidade de boa parte da safra, mesmo aquela que ficou na árvore em ponto de colheita sofreu os efeitos do excesso de umidade. Acredita-se que cerca de 40% da produção teve a qualidade prejudicada quanto à bebida e o aspecto. Cerca de dois terços das amostras do volume entregue nas cooperativas, cafeeiras e armazéns, procedentes da colheita feita logo após as chuvas apresentaram xícaras Riada ou Riada/Rio, sofrendo deságio de 10% a 30% no preço em relação a um café de melhor qualidade (bebida Dura). Muitas amostras apresentaram aspecto chuvado, o que também deprecia o valor da produção no mercado.

No decorrer da colheita a qualidade da produção melhorou bastante e os produtores se preocupam em separar os lotes, no sentido de obter preço médio satisfatório.

7.6. Rondônia

7.6.1. Monitoramento agrometeorológico

Figura 18 - Mapeamento do café em Rondônia



Fonte: Conab.

As condições climáticas entre setembro a agosto (Figuras 1 a 12) beneficiaram as lavouras em seus diferentes estádios: floração, formação de chumbinhos, expansão e granação dos frutos, maturação e colheita.

Tabela 6 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/14 a agosto/15, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Rondônia

Rondônia												
Meses	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
Fases	F	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C

Legenda: *(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos furto; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Favorável



7.6.2. Estimativa de produção

O café é a segunda cultura de maior expressão econômica do estado, o quinto maior produtor de café do Brasil e o segundo maior produtor de robusta. Porém a área de parque cafeeiro vem sofrendo redução, cedendo espaços, principalmente para as pastagens.

Atualmente conta com participação de 22 mil produtores, a maioria de base familiar. A produção estimada em de 1.709,9 mil sacas de café do grupo conilon é 15,7% acima da obtida em 2014 (1.477,3 mil sacas), representa um incremento de 232,6 mil sacas. Nesse mesmo período a produtividade passou de 17,18 para 19,51 sc/ha, este aumento está relacionado à retomada de investimentos, maiores empregabilidades de tecnologia, insumos, tratos culturais, mudas clonais e assistência técnica.

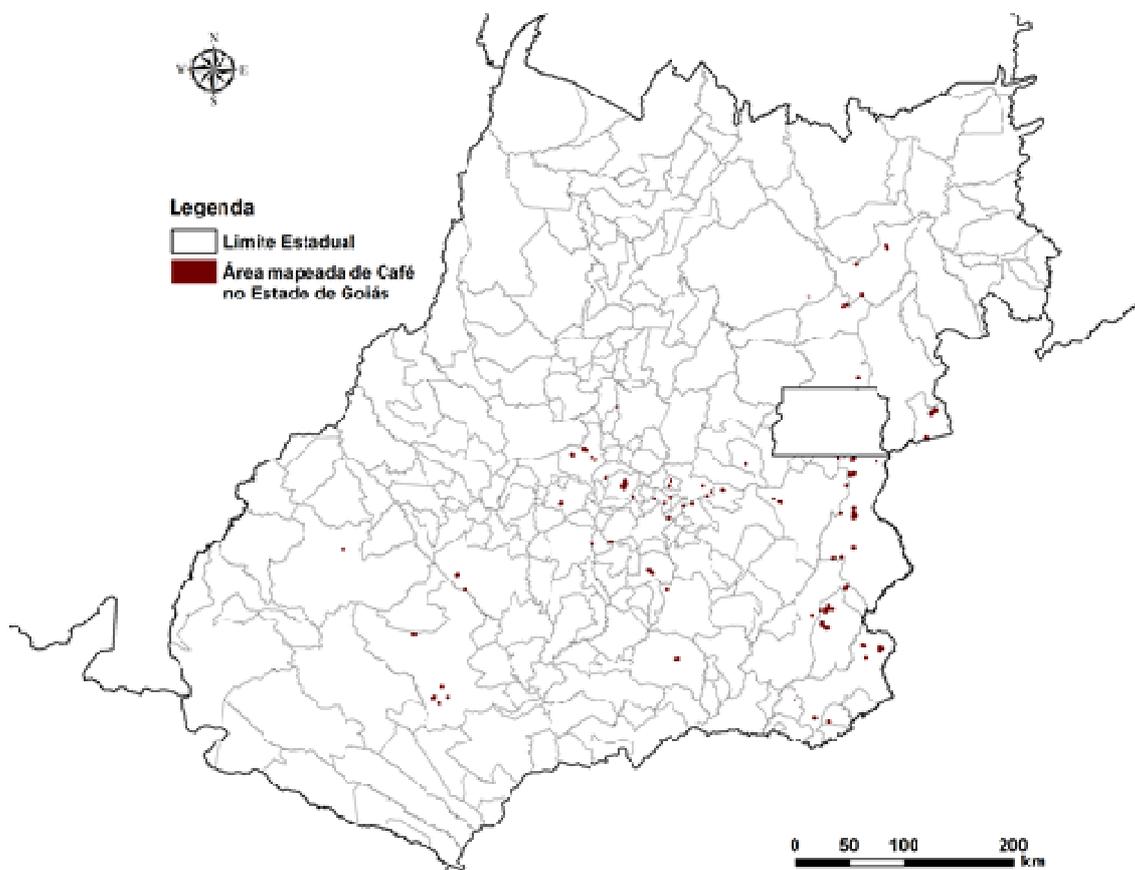
As novas áreas com o café clonal estão diretamente relacionadas ao aumento de produtividade, esses novos índices são devido à alta produtividade do café clonal quando comparadas às áreas com o café convencional.

As potencialidades que a cultura do café apresenta vêm promovendo ações que buscam sustentabilidade frente aos mercados nacionais e internacionais, de forma que a retomada do aumento médio da produtividade contribui com a redução do custo de produção e melhora a competitividade de mercado.

7.7. Goiás

7.7.1. Monitoramento agrometeorológico

Figura 19 - Mapeamento do café em Goiás



Fonte: Conab.

Em Goiás, onde as lavouras possuem o manejo irrigado, no período de outubro a agosto (Figuras 1 a 12) houve baixa restrição devido a altas temperaturas em janeiro.

Tabela 7 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de outubro/14 a agosto/15, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Goiás

Goiás												
Meses	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases	F	CH	EF	EF/GF**	GF	GF	GF/M	M	M/C	C	C	C

Legenda: *(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** área irrigada. Houve impacto por altas temperaturas.

Favorável
Baixa restrição
falta de chuva

7.7.2. Estimativa de produção

A área plantada com a cultura de café em Goiás está estimada em 7.503 hectares, ou seja, desse total, 6.175 hectares (82,3%) estão em produção e 1.328 hectares (17,7%) em formação. A área total plantada apresentou queda de 2,7% em relação à safra anterior. A produção de café no estado está prevista para 227,3 mil sacas, queda de 7,33% em relação à safra passada, gerando uma produtividade média de 36,81 sc/há, 4,5% menor que a obtida em 2014.

As lavouras, de modo geral, apresentaram queda na produtividade esperada e entre as principais causas estão as condições climáticas desfavoráveis no florescimento/frutificação da cultura e a incidência do bicho-mineiro (*Leucoptera coffeella*).

A ocorrência de radiação solar intensa com altas temperaturas em janeiro e fevereiro foram responsáveis pela queima das ramas do cafeeiro. Por outro lado houve chuvas tardias após o período de frutificação da cultura, aliadas à incidência de ventos fortes nas regiões sudeste e sudoeste do estado ocasionaram a queda de frutos com germinação dos grãos, perda de qualidade destes, conseqüentemente, queda de produtividade das lavouras. O distúrbio fisiológico conhecido como “Coração Negro” no qual ocorrem problemas na translocação de fotoassimilados para o enchimento de grãos (aumentando o número de grãos chochos), explicado pela ocorrência de baixa umidade e altas temperaturas no período de 80 a 120 dias após a florada, seguido de ocorrência de chuvas em excesso sem que ocorra queda significativa de temperatura.

O desenvolvimento de resistência do bicho-mineiro aos inseticidas mais comumente utilizados comprometeu significativamente o controle do inseto nas lavouras, além de problemas com cochonilhas, broca do café (*Hypothenemus hampei*) e lagartas.

A combinação de fatores climáticos que interferiram negativamente no desenvolvimento das lavouras contribuiu também para a ocorrência de doenças como a mancha de Phoma (*Phoma costaricensis*), mancha de olho-pardo (*Cercospora coffeicola*) e antracnose (*Colletotrichum coffeanum*).

A totalidade das lavouras de café em Goiás conta com sistema de irrigação, seja por meio de pivô central, ou por meio de gotejamento.

A colheita da lavoura de café em Goiás se inicia em maio e se estende até agosto, com uma pequena porcentagem sendo colhida em setembro. A maioria das lavouras com colheita mecanizada está com os trabalhos finalizados, realizando, no momento, a varrição das entrelinhas. 38% das propriedades finalizaram a colheita do cafezal em julho enquanto 49% estão com final da colheita prevista para agosto.

8. Receita bruta do café

A receita bruta faz parte do trabalho da Conab de geração e difusão do conhecimento e, tem como uma de suas finalidades, conhecer o desempenho econômico dos produtores rurais brasileiros.

O estudo estima os volumes mensais de comércio com base no calendário da colheita, observado nos estados produtores e nas informações publicadas por entidades que divulgam análises e dados conjunturais da situação da comercialização e do abastecimento e, a partir dos preços mensais recebidos pelos produtores, calcula a receita bruta mensal, por produto e por estado.

As informações sobre produção são divulgadas no Boletim de Acompanhamento da Safra Brasileira de Café, publicado pela Conab. Para alguns estados, em anos anteriores a última safra, foram utilizados também dados similares publicados no Levantamento Sistemático de Produção Agrícola do IBGE.

Dentre a cesta de produtos estudados, o café tem grande relevância e está presente em 15 estados brasileiros, sendo que Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo, em 2015, representam 88% da receita bruta do café.

Para a receita bruta de 2015 a coleta de preços considera os meses de janeiro a maio de 2015.

Tabela 8 – Receita bruta do café

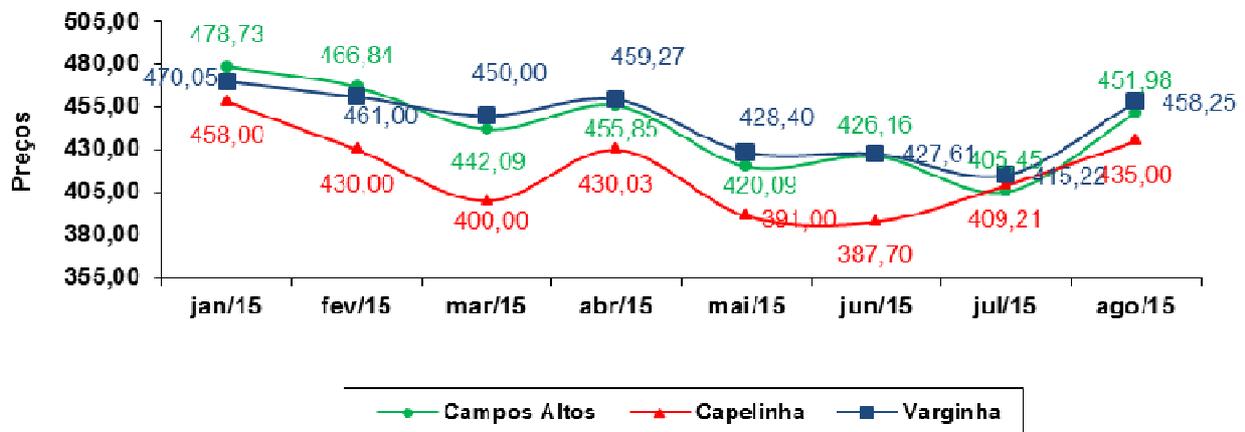
Região/Estado	RECEITA BRUTA						
	SAFRA						
	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015*
REGIÃO NORTE	281.635,33	331.820,92	297.782,71	337.500,09	312.381,01	322.841,83	434.820,49
Acre	3.163,50	2.000,74	3.329,55	4.992,99	6.058,24	8.612,48	6.534,38
Pará	35.015,03	29.385,02	33.875,82	36.581,67	25.167,30	13.937,24	3.795,49
Rondônia	243.456,80	300.435,16	260.577,34	295.925,43	281.155,47	300.292,10	424.490,62
REGIÃO NORDESTE	425.453,51	571.365,23	911.205,59	731.402,75	490.659,11	855.156,96	926.904,22
Bahia	408.738,69	553.876,01	890.221,31	717.038,38	476.777,89	841.033,54	907.659,57
Ceará	10.714,56	10.504,57	14.187,20	8.152,48	9.140,89	9.168,20	13.054,87
Pernambuco	6.000,26	6.984,65	6.797,08	6.211,89	4.740,33	4.955,23	6.189,78
REGIÃO CENTRO-OESTE	99.722,96	141.506,42	155.647,79	143.731,50	119.112,80	127.207,72	160.868,71
Distrito Federal	2.552,30	2.970,78	4.579,63	7.659,17	5.056,60	5.103,00	7.209,58
Goiás	62.467,17	83.989,18	100.286,52	103.102,89	64.986,34	78.461,21	103.232,04
Mato Grosso do Sul	3.268,08	4.908,82	6.462,06	7.546,31	7.684,65	8.405,79	10.100,97
Mato Grosso	31.435,41	49.637,64	44.319,58	25.423,13	41.385,21	35.237,72	40.326,13
REGIÃO SUDESTE	7.834.086,72	10.765.732,30	14.964.992,06	15.772.662,68	11.636.955,12	14.583.230,39	15.345.866,80
Espírito Santo	1.826.151,68	1.697.471,24	2.687.420,81	3.332.966,14	2.722.571,73	3.125.357,60	2.977.696,59
Minas Gerais	5.056.543,60	7.590.948,89	10.657.948,32	10.271.731,79	7.704.753,85	9.395.959,79	10.487.213,52
Rio de Janeiro	60.626,89	57.147,62	99.251,31	92.294,03	73.514,88	113.992,18	126.283,47
São Paulo	890.764,55	1.420.164,55	1.520.371,62	2.075.670,72	1.136.114,66	1.947.920,82	1.754.673,22
REGIÃO SUL	335.527,84	603.138,85	773.103,98	576.583,24	420.372,32	209.398,19	442.795,26
Paraná	335.527,84	603.138,85	773.103,98	576.583,24	420.372,32	209.398,19	442.795,26
BRASIL	8.976.426,36	12.413.563,72	17.102.732,13	17.561.880,26	12.979.480,36	16.097.835,08	17.311.255,48

Legenda: * parcial, com possível alteração até final de 2015
Fonte: Conab.

9. Preços do café beneficiado (saca de 60kg)

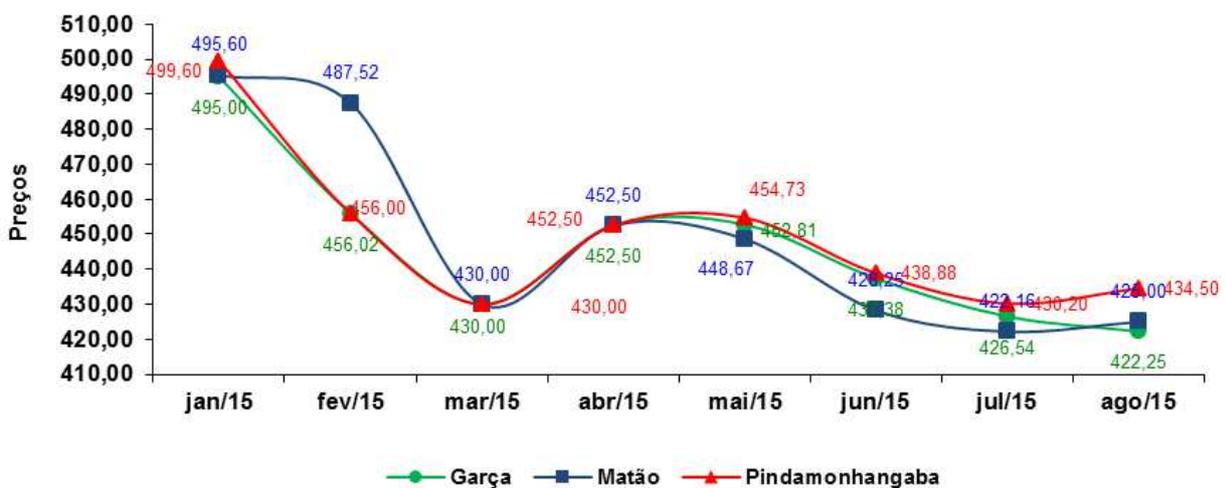
9.1. Café arábica

Gráfico 5 – Minas Gerais



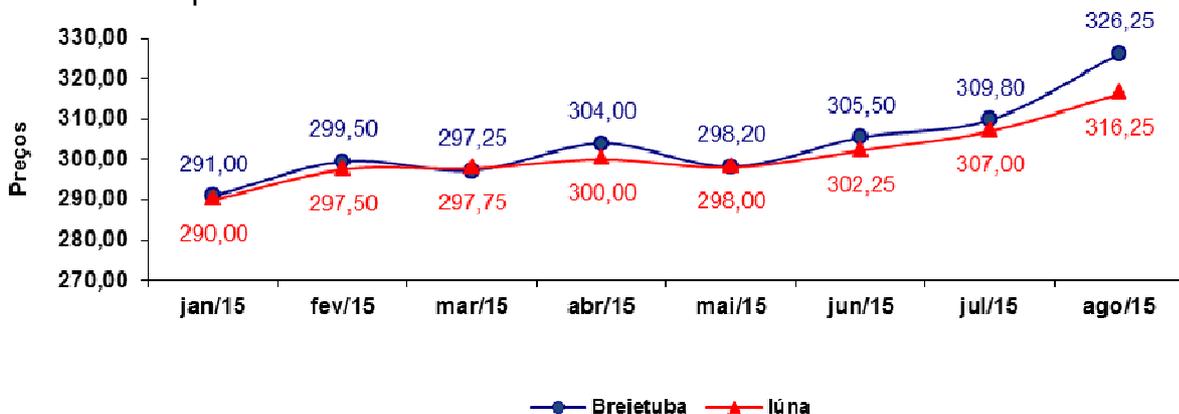
Fonte: Conab.

Gráfico 6 – São Paulo



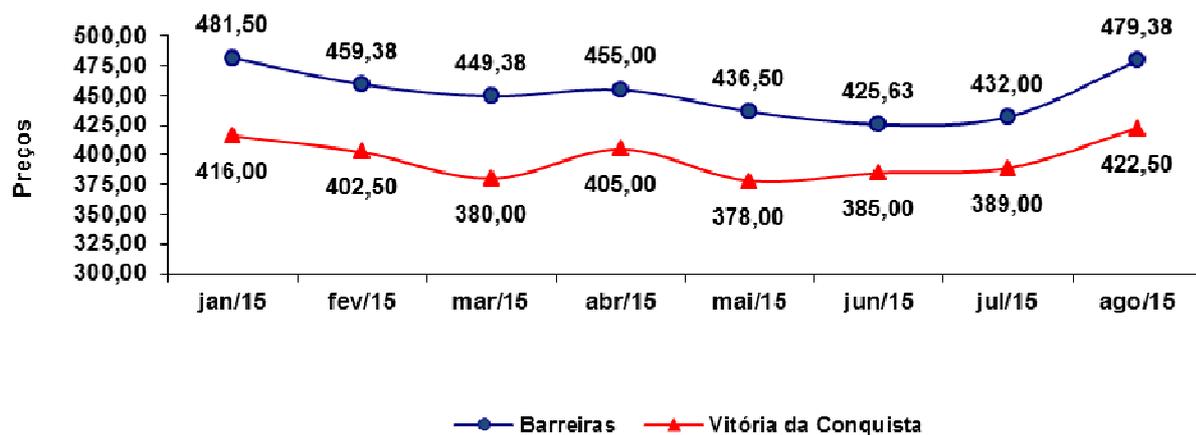
Fonte: Conab.

Gráfico 7 – Espírito Santo



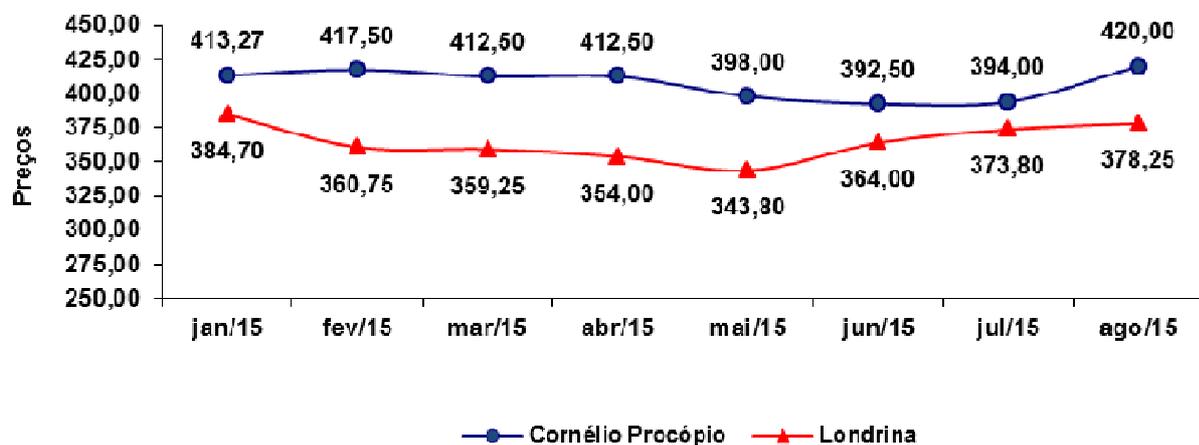
Fonte: Conab.

Gráfico 8 – Bahia



Fonte: Conab.

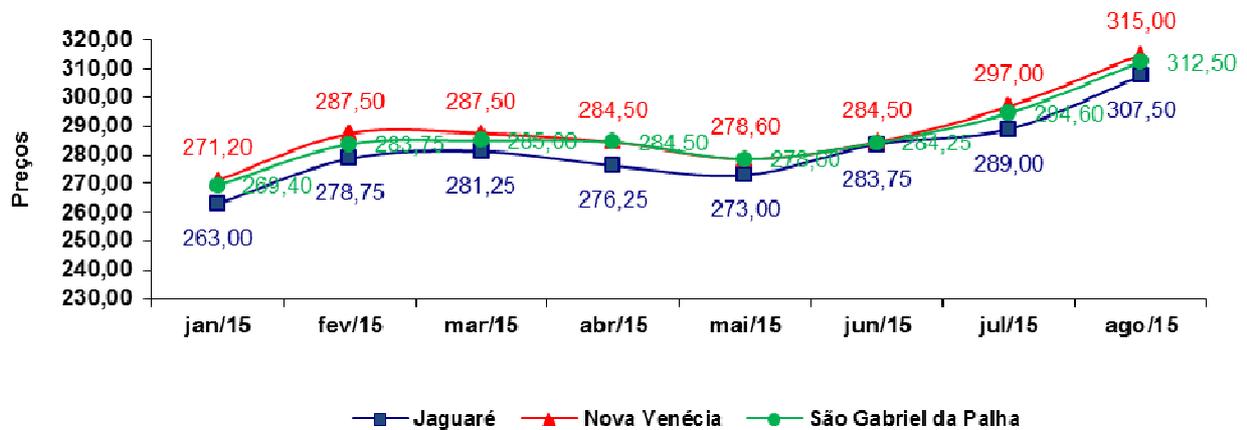
Gráfico 9 – Paraná



Fonte: Conab.

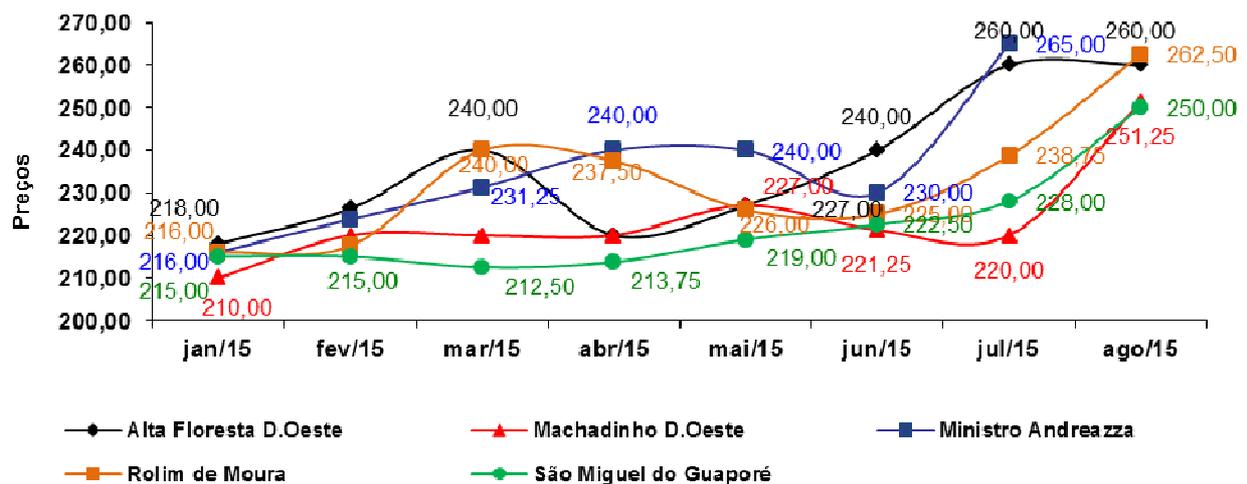
9.2. Café conilon

Gráfico 10 – Espírito Santo



Fonte: Conab.

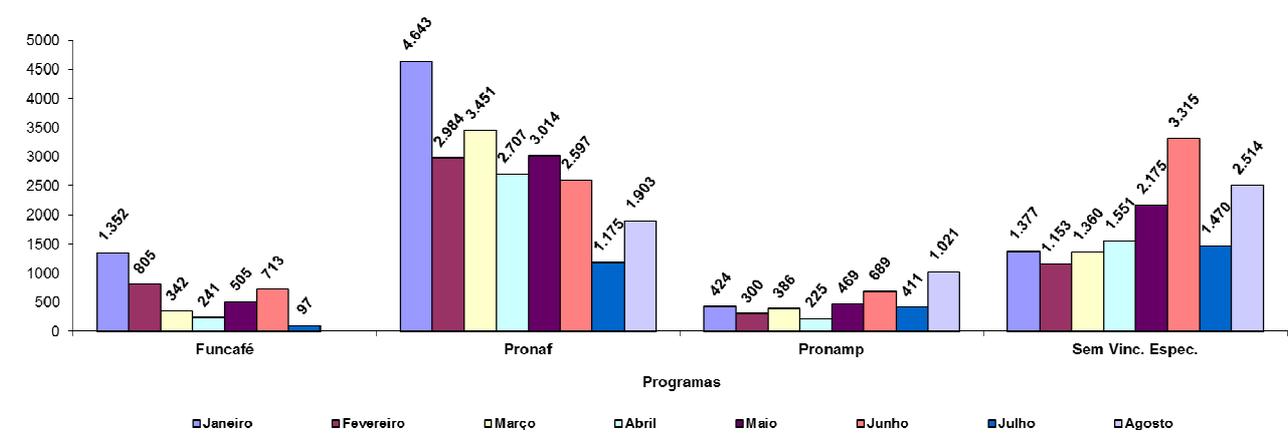
Gráfico 11 – Rondônia



Fonte: Conab.

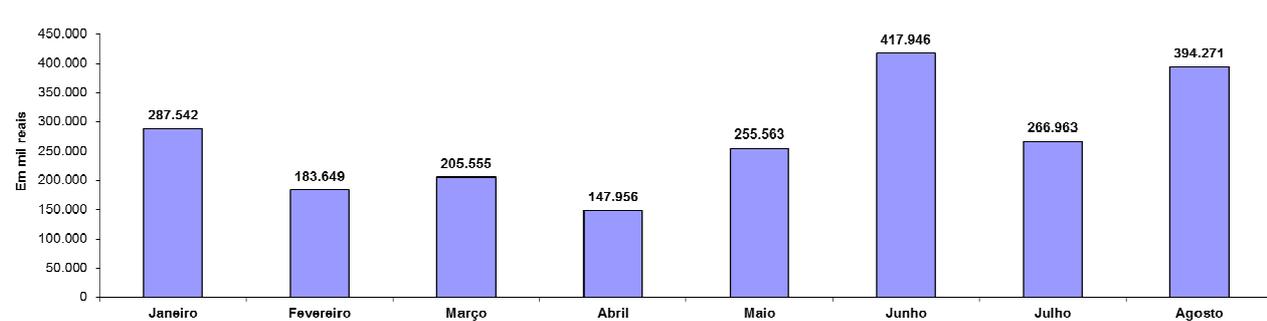
10. Crédito rural

Gráfico 12 – Financiamentos de custeio de café – Quantidade de contratos em 2015



Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor).

Gráfico 13 – Total em valor contratado em 2015



Fonte: Bacen/Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor).

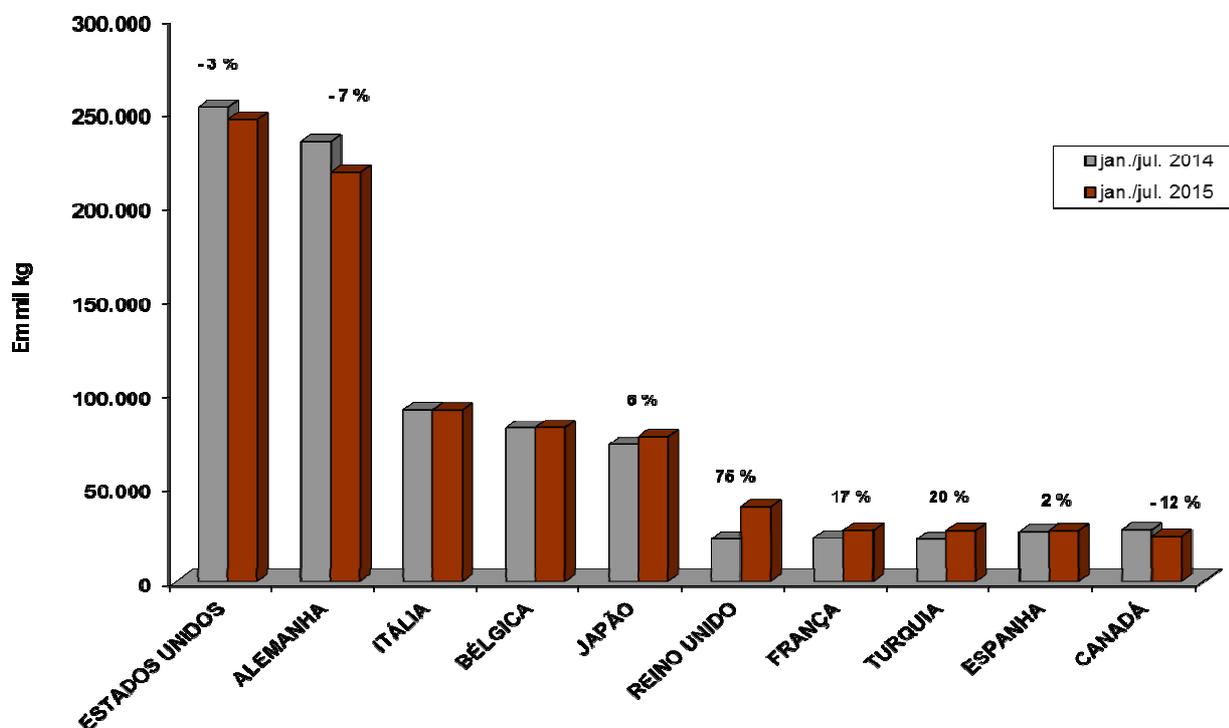
11. Exportações

Tabela 9 – Exportação brasileira de café

Café	Janeiro a julho de 2014	Janeiro a julho de 2015	Variação (%)
	Toneladas		
Estados Unidos	253.095	246.205	-2,72
Alemanha	234.200	218.189	-6,84
Itália	91.445	91.315	-0,14
Bélgica	81.782	81.922	0,17
Japão	73.104	77.212	5,62
Reino Unido	22.732	39.737	74,81
França	23.352	27.212	16,53
Turquia	22.536	27.042	20,00
Espanha	26.517	26.941	1,60
Canadá	27.464	24.200	-11,88
Sub-total	856.227	859.976	0,44
Outros	313.072	296.165	-5,40
Total	1.169.299	1.156.141	-1,13

Fonte: AgroSat Brasil/SECEX/MDIC.

Gráfico 14 – Exportação brasileira de café (em mil kg)



Fonte: AgroSat Brasil/SECEX/MDIC.

12. Resultado detalhado

Tabela 10 – Comparativo de área em produção, produtividade e produção – Café total (arábica e conilon)

REGIÃO/UF	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)			PRODUÇÃO (mil sacas beneficiadas)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	90.381,0	88.900,0	(1,6)	17,10	19,42	13,5	1.546,0	1.726,5	11,7
RO	86.004,0	87.657,0	1,9	17,18	19,51	13,6	1.477,3	1.709,9	15,7
PA	4.377,0	1.243,0	(71,6)	15,70	13,35	(14,9)	68,7	16,6	(75,8)
NORDESTE	143.939,0	146.278,0	1,6	16,47	16,04	(2,7)	2.371,3	2.345,7	(1,1)
BA	143.939,0	146.278,0	1,6	16,47	16,04	(2,7)	2.371,3	2.345,7	(1,1)
Cerrado	11.973,0	9.129,0	(23,8)	36,34	37,00	1,8	435,1	337,8	(22,4)
Planalto	99.366,0	101.921,0	2,6	9,02	8,09	(10,3)	896,2	824,3	(8,0)
Atlântico	32.600,0	35.228,0	8,1	31,90	33,60	5,3	1.040,0	1.183,6	13,8
CENTRO-OESTE	26.251,8	26.364,0	0,4	15,33	13,47	(12,1)	402,4	355,2	(11,7)
MT	20.115,0	20.189,0	0,4	8,24	6,34	(23,1)	165,8	127,9	(22,9)
GO	6.136,8	6.175,0	0,6	38,55	36,81	(4,5)	236,6	227,3	(3,9)
SUDESTE	1.640.790,0	1.613.816,6	(1,6)	24,58	22,54	(8,3)	40.330,9	36.380,0	(9,8)
MG	995.079,0	967.456,0	(2,8)	22,76	22,59	(0,7)	22.644,1	21.856,8	(3,5)
Sul e Centro-Oeste	501.214,0	474.611,0	(5,3)	21,56	21,60	0,2	10.803,7	10.251,3	(5,1)
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	174.369,0	170.634,0	(2,1)	33,06	24,80	(25,0)	5.765,5	4.231,4	(26,6)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	284.582,0	288.336,0	1,3	18,64	23,25	24,7	5.304,8	6.704,2	26,4
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	34.914,0	33.875,0	(3,0)	22,06	19,78	(10,3)	770,1	669,9	(13,0)
ES	433.242,0	430.302,0	(0,7)	29,56	24,12	(18,4)	12.805,7	10.378,7	(19,0)
RJ	12.783,0	12.568,0	(1,7)	22,87	24,63	7,7	292,3	309,6	5,9
SP	199.686,0	203.490,6	1,9	22,98	18,85	(18,0)	4.588,8	3.834,9	(16,4)
SUL	33.251,0	44.500,0	33,8	16,80	27,19	61,9	558,6	1.210,0	116,6
PR	33.251,0	44.500,0	33,8	16,80	27,19	61,9	558,6	1.210,0	116,6
OUTROS	12.587,0	10.287,0	(18,3)	10,54	12,72	20,7	132,7	130,9	(1,4)
NORTE/NORDESTE	234.320,0	235.178,0	0,4	16,72	17,32	3,6	3.917,2	4.072,2	4,0
CENTRO-SUL	1.700.292,8	1.684.680,6	(0,9)	24,29	22,52	(7,3)	41.291,9	37.945,2	(8,1)
BRASIL	1.947.199,8	1.930.145,6	(0,9)	23,29	21,84	(6,2)	45.341,8	42.148,3	(7,0)

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

Tabela 11 – Comparativo de área em produção, produtividade e produção – Café arábica

REGIÃO/UF	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)			PRODUÇÃO (mil sacas beneficiadas)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	111.339,0	111.050,0	(0,3)	11,99	10,46	(12,7)	1.331,3	1.162,1	(12,7)
BA	111.339,0	111.050,0	(0,3)	11,96	10,46	(12,5)	1.331,3	1.162,1	(12,7)
Cerrado	11.973,0	9.129,0	(23,8)	36,34	37,00	1,8	435,1	337,8	(22,4)
Planalto	99.366,0	101.921,0	2,6	9,02	8,09	(10,3)	896,2	824,3	(8,0)
CENTRO-OESTE	6.271,8	6.286,0	0,2	38,04	36,43	(4,2)	238,6	229,0	(4,0)
MT	135,0	111,0	(17,8)	14,81	15,32	3,4	2,0	1,7	(15,0)
GO	6.136,8	6.175,0	0,6	38,55	36,81	(4,5)	236,6	227,3	(3,9)
SUDESTE	1.344.197,0	1.326.726,6	(1,3)	22,38	21,56	(3,7)	30.084,5	28.599,3	(4,9)
MG	981.610,0	954.067,0	(2,8)	22,77	22,55	(0,9)	22.346,7	21.516,3	(3,7)
Sul e Centro-Oeste	501.214,0	474.611,0	(5,3)	21,56	21,60	0,2	10.803,7	10.251,3	(5,1)
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	174.369,0	170.634,0	(2,1)	33,06	24,80	(25,0)	5.765,5	4.231,4	(26,6)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	275.827,0	279.633,0	1,4	18,53	23,18	25,1	5.111,5	6.482,9	26,8
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	30.200,0	29.189,0	(3,3)	22,05	18,87	(14,4)	666,0	550,7	(17,3)
ES	150.118,0	156.601,0	4,3	19,03	18,76	(1,4)	2.856,7	2.938,5	2,9
RJ	12.783,0	12.568,0	(1,7)	22,87	24,63	7,7	292,3	309,6	5,9
SP	199.686,0	203.490,6	1,9	22,98	18,85	(18,0)	4.588,8	3.834,9	(16,4)
SUL	33.251,0	44.500,0	33,8	16,80	27,19	61,9	558,6	1.210,0	116,6
PR	33.251,0	44.500,0	33,8	16,80	27,19	61,9	558,6	1.210,0	116,6
OUTROS	10.862,0	8.731,0	(19,6)	8,53	10,83	27,0	92,7	94,6	2,0
NORTE/NORDESTE	111.339,0	111.050,0	(0,3)	11,96	10,46	(12,5)	1.331,3	1.162,1	(12,7)
CENTRO-SUL	1.383.719,8	1.377.512,6	(0,4)	22,32	21,81	(2,3)	30.881,7	30.038,3	(2,7)
BRASIL	1.505.920,8	1.497.293,6	(0,6)	21,45	20,90	(2,6)	32.305,7	31.295,0	(3,1)

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

Tabela 12 – Comparativo de área em produção, produtividade e produção – Café conilon

REGIÃO/UF	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)			PRODUÇÃO (mil sacas beneficiadas)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	90.381,0	88.900,0	(1,6)	17,10	19,42	13,5	1.546,0	1.726,5	11,7
RO	86.004,0	87.657,0	1,9	17,18	19,51	13,6	1.477,3	1.709,9	15,7
PA	4.377,0	1.243,0	(71,6)	15,70	13,35	(14,9)	68,7	16,6	(75,8)
NORDESTE	32.600,0	35.228,0	8,1	31,90	33,60	5,3	1.040,0	1.183,6	13,8
BA	32.600,0	35.228,0	8,1	31,90	33,60	5,3	1.040,0	1.183,6	13,8
Atlântico	32.600,0	35.228,0	8,1	31,90	33,60	5,3	1.040,0	1.183,6	13,8
CENTRO-OESTE	19.980,0	20.078,0	0,5	8,20	6,29	(23,3)	163,8	126,2	(23,0)
MT	19.980,0	20.078,0	0,5	8,20	6,29	(23,3)	163,8	126,2	(23,0)
SUDESTE	296.593,0	287.090,0	(3,2)	34,55	27,10	(21,6)	10.246,4	7.780,7	(24,1)
MG	13.469,0	13.389,0	(0,6)	22,08	25,43	15,2	297,4	340,5	14,5
Zona da Mata, Rio Doce e Central	8.755,0	8.703,0	(0,6)	22,08	25,43	15,2	193,3	221,3	14,5
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	4.714,0	4.686,0	(0,6)	22,08	25,44	15,2	104,1	119,2	14,5
ES	283.124,0	273.701,0	(3,3)	35,14	27,18	(22,6)	9.949,0	7.440,2	(25,2)
OUTROS	1.725,0	1.556,0	(9,8)	23,19	23,33	0,6	40,0	36,3	(9,3)
NORTE/NORDESTE	122.981,0	124.128,0	0,9	21,03	23,44	11,5	2.586,0	2.910,1	12,5
CENTRO-SUL	316.573,0	307.168,0	(3,0)	32,88	25,74	(21,7)	10.410,2	7.906,9	(24,0)
BRASIL	441.279,0	432.852,0	(1,9)	29,54	25,07	(15,1)	13.036,2	10.853,3	(16,7)

Legenda: (*) Acre e Ceará.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

Tabela 13 – Comparativo de área em formação, em produção e total – Café total (arábica e conilon)

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2014 (a)	Safra 2015 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2014 (c)	Safra 2015 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 2014 (e)	Safra 2015 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	8.105,0	6.954,0	(14,2)	90.381,0	88.900,0	(1,6)	98.486,0	95.854,0	(2,7)
RO	8.040,0	6.904,0	(14,1)	86.004,0	87.657,0	1,9	94.044,0	94.561,0	0,5
PA	65,0	50,0	(23,1)	4.377,0	1.243,0	(71,6)	4.442,0	1.293,0	(70,9)
NORDESTE	13.262,4	15.738,0	18,7	143.939,0	146.278,0	1,6	157.201,4	162.016,0	3,1
BA	13.262,4	15.738,0	18,7	143.939,0	146.278,0	1,6	157.201,4	162.016,0	3,1
Cerrado	3.820,0	5.058,0	32,4	11.973,0	9.129,0	(23,8)	15.793,0	14.187,0	(10,2)
Planalto	4.187,4	6.917,0	65,2	99.366,0	101.921,0	2,6	103.553,4	108.838,0	5,1
Atlântico	5.255,0	3.763,0	(28,4)	32.600,0	35.228,0	8,1	37.855,0	38.991,0	3,0
CENTRO-OESTE	3.254,0	2.530,0	(22,2)	26.251,8	26.364,0	0,4	29.505,8	28.894,0	(2,1)
MT	1.683,0	1.202,0	(28,6)	20.115,0	20.189,0	0,4	21.798,0	21.391,0	(1,9)
GO	1.571,0	1.328,0	(15,5)	6.136,8	6.175,0	0,6	7.707,8	7.503,0	(2,7)
SUDESTE	260.133,0	281.892,0	8,4	1.640.790,0	1.613.816,6	48,2	1.900.923,0	1.895.708,6	(0,3)
MG	206.340,0	228.190,0	10,6	995.079,0	967.456,0	(2,8)	1.201.419,0	1.195.646,0	(0,5)
Sul e Centro-Oeste	120.480,0	143.657,0	19,2	501.214,0	474.611,0	(5,3)	621.694,0	618.268,0	(0,6)
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	26.163,0	33.500,0	28,0	174.369,0	170.634,0	(2,1)	200.532,0	204.134,0	1,8
Zona da Mata, Rio Doce e Central	57.776,0	48.889,0	(15,4)	284.582,0	288.336,0	1,3	342.358,0	337.225,0	(1,5)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	1.921,0	2.144,0	11,6	34.914,0	33.875,0	(3,0)	36.835,0	36.019,0	(2,2)
ES	41.443,0	42.057,0	1,5	433.242,0	430.302,0	(0,7)	474.685,0	472.359,0	(0,5)
RJ	-	3,0	-	12.783,0	12.568,0	(1,7)	12.783,0	12.571,0	(1,7)
SP	12.350,0	11.642,0	(5,7)	199.686,0	203.490,6	1,9	212.036,0	215.132,6	1,5
SUL	22.248,0	8.550,0	(61,6)	33.251,0	44.500,0	33,8	55.499,0	53.050,0	(4,4)
PR	22.248,0	8.550,0	(61,6)	33.251,0	44.500,0	33,8	55.499,0	53.050,0	(4,4)
OUTROS	950,0	887,0	(6,6)	12.587,0	10.287,0	(18,3)	13.537,0	11.174,0	(17,5)
NORTE/NORDESTE	21.367,4	22.692,0	6,2	234.320,0	235.178,0	0,4	255.687,4	257.870,0	0,9
CENTRO-SUL	285.635,0	292.972,0	2,6	1.700.292,8	1.684.680,6	(0,9)	1.985.927,8	1.977.652,6	(0,4)
BRASIL	307.952,4	316.551,0	2,8	1.947.199,8	1.930.145,6	(0,9)	2.255.152,2	2.246.696,6	(0,4)

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

Tabela 14 – Comparativo de área em formação, em produção e total – Café arábica

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	8.007,4	11.975,0	49,5	111.339,0	111.050,0	(0,3)	119.346,4	123.025,0	3,1
BA	8.007,4	11.975,0	49,5	111.339,0	111.050,0	(0,3)	119.346,4	123.025,0	3,1
Cerrado	3.820,0	5.058,0	32,4	11.973,0	9.129,0	(23,8)	15.793,0	14.187,0	(10,2)
Planalto	4.187,4	6.917,0	65,2	99.366,0	101.921,0	2,6	103.553,4	108.838,0	5,1
CENTRO-OESTE	1.621,0	1.378,0	(15,0)	6.271,8	6.286,0	0,2	7.892,8	7.664,0	(2,9)
MT	50,00	50,00	-	135,0	111,0	(17,8)	185,0	161,0	(13,0)
GO	1.571,0	1.328,0	(15,5)	6.136,8	6.175,0	0,6	7.707,8	7.503,0	(2,7)
SUDESTE	234.049,0	254.516,0	8,7	1.344.197,0	1.326.726,6	(1,3)	1.578.246,0	1.581.242,6	0,2
MG	205.356,0	227.243,0	10,7	981.610,0	954.067,0	(2,8)	1.186.966,0	1.181.310,0	(0,5)
Sul e Centro-Oeste	120.480,0	143.657,0	19,2	501.214,0	474.611,0	(5,3)	621.694,0	618.268,0	(0,6)
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroest	26.163,0	33.500,0	28,0	174.369,0	170.634,0	(2,1)	200.532,0	204.134,0	1,8
Zona da Mata, Rio Doce e Central	57.136,0	48.273,0	(15,5)	275.827,0	279.633,0	1,4	332.963,0	327.906,0	(1,5)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	1.577,0	1.813,0	15,0	30.200,0	29.189,0	(3,3)	31.777,0	31.002,0	(2,4)
ES	16.343,0	15.628,0	(4,4)	150.118,0	156.601,0	4,3	166.461,0	172.229,0	3,5
RJ	-	3,0	-	12.783,0	12.568,0	(1,7)	12.783,0	12.571,0	(1,7)
SP	12.350,0	11.642,0	(5,7)	199.686,0	203.490,6	1,9	212.036,0	215.132,6	1,5
SUL	22.248,0	8.550,0	(61,6)	33.251,0	44.500,0	33,8	55.499,0	53.050,0	(4,4)
PR	22.248,0	8.550,0	(61,6)	33.251,0	44.500,0	33,8	55.499,0	53.050,0	(4,4)
OUTROS	465,0	414,0	(11,0)	10.862,0	8.731,0	(19,6)	11.327,0	9.145,0	(19,3)
NORTE/NORDESTE	8.007,4	11.975,0	49,5	111.339,0	111.050,0	(0,3)	119.346,4	123.025,0	3,1
CENTRO-SUL	257.918,0	264.444,0	2,5	1.383.719,8	1.377.512,6	(0,4)	1.641.637,8	1.641.956,6	-
BRASIL	266.390,4	276.833,0	3,9	1.505.920,8	1.497.293,6	(0,6)	1.772.311,2	1.774.126,6	0,1

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

Tabela 15 – Comparativo de área em formação, em produção e total – Café conilon

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	8.105,0	6.954,0	(14,2)	90.381,0	88.900,0	(1,6)	98.486,0	95.854,0	(2,7)
RO	8.040,0	6.904,0	(14,1)	86.004,0	87.657,0	1,9	94.044,0	94.561,0	0,5
PA	65,0	50,0	(23,1)	4.377,0	1.243,0	(71,6)	4.442,0	1.293,0	(70,9)
NORDESTE	5.255,0	3.763,0	(28,4)	32.600,0	35.228,0	8,1	37.855,0	38.991,0	3,0
BA	5.255,0	3.763,0	(28,4)	32.600,0	35.228,0	8,1	37.855,0	38.991,0	3,0
Atlântico	5.255,0	3.763,0	(28,4)	32.600,0	35.228,0	8,1	37.855,0	38.991,0	3,0
CENTRO-OESTE	1.633,0	1.152,0	(29,5)	19.980,0	20.078,0	0,5	21.613,0	21.230,0	(1,8)
MT	1.633,00	1.152,00	(29,5)	19.980,0	20.078,0	0,5	21.613,0	21.230,0	(1,8)
SUDESTE	26.084,0	27.376,0	5,0	296.593,0	287.090,0	48,2	322.677,0	314.466,0	(2,5)
MG	984,0	947,0	(3,8)	13.469,0	13.389,0	(0,6)	14.453,0	14.336,0	(0,8)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	640,0	616,0	(3,8)	8.755,0	8.703,0	(0,6)	9.395,0	9.319,0	(0,8)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	344,0	331,0	(3,8)	4.714,0	4.686,0	(0,6)	5.058,0	5.017,0	(0,8)
ES	25.100,0	26.429,0	5,3	283.124,0	273.701,0	(3,3)	308.224,0	300.130,0	(2,6)
OUTROS (*)	485,0	473,0	(2,5)	1.725,0	1.556,0	(9,8)	2.210,0	2.029,0	(8,2)
NORTE/NORDESTE	13.360,0	10.717,0	(19,8)	122.981,0	124.128,0	0,9	136.341,0	134.845,0	(1,1)
CENTRO-SUL	27.717,0	28.528,0	2,9	316.573,0	307.168,0	(3,0)	344.290,0	335.696,0	(2,5)
BRASIL	41.562,0	39.718,0	(4,4)	441.279,0	432.852,0	(1,9)	482.841,0	472.570,0	(2,1)

Legenda: (*) Acre e Ceará.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

Tabela 16 – Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total – Café total (arábica e conilon)

REGIÃO/UF	PARQUE CAFEIEIRO								
	EM FORMAÇÃO (mil covas)			EM PRODUÇÃO (mil covas)			TOTAL (mil covas)		
	Safra 2014 (a)	Safra 2015 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2014 (c)	Safra 2015 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 2014 (e)	Safra 2015 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	12.653,0	10.852,6	(14,2)	143.574,2	139.163,7	(3,1)	156.227,2	150.016,3	(4,0)
RO	12.510,0	10.742,6	(14,1)	133.822,2	136.394,3	1,9	146.332,2	147.136,9	0,5
PA	143,0	110,0	(23,1)	9.752,0	2.769,4	(71,6)	9.895,0	2.879,4	(70,9)
NORDESTE	47.534,5	62.824,2	32,2	355.130,2	433.947,8	22,2	402.664,7	459.454,4	14,1
BA	47.534,5	62.824,2	32,2	355.130,2	433.947,8	22,2	402.664,7	459.454,4	14,1
Cerrado	20.246,0	27.819,0	37,4	57.685,2	50.209,5	(13,0)	77.931,2	78.028,5	0,1
Planalto	14.760,6	22.448,2	52,1	227.714,0	266.180,3	16,9	242.474,6	288.628,5	19,0
Atlântico	12.527,9	8.955,9	(28,5)	69.731,0	83.841,5	20,2	82.258,9	92.797,4	12,8
CENTRO-OESTE	11.750,2	9.202,5	(21,7)	75.295,5	74.793,0	(0,7)	87.045,7	83.995,5	(3,5)
MT	3.901,2	2.786,2	(28,6)	46.179,5	46.346,5	0,4	50.080,7	49.132,7	(1,9)
GO	7.849,0	6.416,3	(18,3)	29.116,0	28.446,5	(2,3)	36.965,0	34.862,8	(5,7)
SUDESTE	914.766,8	994.389,1	8,7	4.700.645,3	4.813.018,8	48,2	5.615.412,1	5.807.407,9	3,4
MG	735.271,0	815.417,7	10,9	3.072.422,0	2.987.686,4	(2,8)	3.807.693,0	3.803.104,1	(0,1)
Sul e Centro-Oeste	421.679,0	502.800,9	19,2	1.503.640,0	1.423.833,9	(5,3)	1.925.319,0	1.926.634,8	0,1
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	104.651,0	133.999,0	28,0	610.293,0	597.219,4	(2,1)	714.944,0	731.218,4	2,3
Zona da Mata, Rio Doce e Central	202.215,0	171.112,1	(15,4)	853.746,0	865.008,5	1,3	1.055.961,0	1.036.120,6	(1,9)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	6.726,0	7.505,7	11,6	104.743,0	101.624,6	(3,0)	111.469,0	109.130,3	(2,1)
ES	139.697,0	139.280,0	(0,3)	1.142.772,0	1.145.186,0	0,2	1.282.469,0	1.284.466,0	0,2
RJ	-	6,4	-	26.844,3	26.392,8	(1,7)	26.844,3	26.399,2	(1,7)
SP	39.798,8	39.685,0	(0,3)	458.607,0	653.753,6	42,6	498.405,8	693.438,6	39,1
SUL	72.100,0	28.100,0	(61,0)	107.500,0	143.900,0	33,9	179.600,0	172.000,0	(4,2)
PR	72.100,0	28.100,0	(61,0)	107.500,0	143.900,0	33,9	179.600,0	172.000,0	(4,2)
OUTROS	2.584,0	2.412,6	(6,6)	32.222,7	26.334,8	(18,3)	34.806,7	28.747,4	(17,4)
NORTE/NORDESTE	60.187,5	73.676,8	22,4	498.704,4	573.111,5	14,9	558.891,9	609.470,7	9,0
CENTRO-SUL	998.617,0	1.031.691,6	3,3	4.883.440,8	5.031.711,8	3,0	5.882.057,8	6.063.403,4	3,1
BRASIL	1.061.388,5	1.107.781,0	4,4	5.414.367,9	5.631.158,1	4,0	6.475.756,4	6.701.621,5	3,5

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

Tabela 17 – Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total – Café arábica

REGIÃO/UF	PARQUE CAFEIEIRO								
	EM FORMAÇÃO (mil covas)			EM PRODUÇÃO (mil covas)			TOTAL (mil covas)		
	Safra 2014 (a)	Safra 2015 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2014 (c)	Safra 2015 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 2014 (e)	Safra 2015 (f)	VAR. % (f/e)
NORDESTE	35.006,6	50.267,2	43,6	285.399,2	316.389,8	10,9	320.405,8	366.657,0	14,4
BA	35.006,6	50.267,2	43,6	285.399,2	316.389,8	10,9	320.405,8	366.657,0	14,4
Cerrado	20.246,0	27.819,0	37,4	57.685,2	50.209,5	(13,0)	77.931,2	78.028,5	0,1
Planalto	14.760,6	22.448,2	52,1	227.714,0	266.180,3	16,9	242.474,6	288.628,5	19,0
CENTRO-OESTE	7.964,9	6.532,2	(18,0)	29.441,4	28.714,0	(2,5)	37.406,3	35.246,2	(5,8)
MT	115,90	115,90	-	325,4	267,5	(17,8)	441,3	383,4	(13,1)
GO	7.849,0	6.416,3	(18,3)	29.116,0	28.446,5	(2,3)	36.965,0	34.862,8	(5,7)
SUDESTE	838.971,8	915.751,6	9,2	4.029.800,3	4.162.382,7	48,2	4.868.772,1	5.078.134,3	4,3
MG	731.827,0	812.103,2	11,0	3.032.015,0	2.947.519,3	(2,8)	3.763.842,0	3.759.622,5	(0,1)
Sul e Centro-Oeste	421.679,0	502.800,9	19,2	1.503.640,0	1.423.833,9	(5,3)	1.925.319,0	1.926.634,8	0,1
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	104.651,0	133.999,0	28,0	610.293,0	597.219,4	(2,1)	714.944,0	731.218,4	2,3
Zona da Mata, Rio Doce e Central	199.976,0	168.957,7	(15,5)	827.481,0	838.899,9	1,4	1.027.457,0	1.007.857,6	(1,9)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	5.521,0	6.345,6	14,9	90.601,0	87.566,1	(3,3)	96.122,0	93.911,7	(2,3)
ES	67.346,0	63.957,0	(5,0)	512.334,0	534.717,0	4,4	579.680,0	598.674,0	3,3
RJ	-	6,4	-	26.844,3	26.392,8	(1,7)	26.844,3	26.399,2	(1,7)
SP	39.798,8	39.685,0	(0,3)	458.607,0	653.753,6	42,6	498.405,8	693.438,6	39,1
SUL	72.100,0	28.100,0	(61,0)	107.500,0	143.900,0	33,9	179.600,0	172.000,0	(4,2)
PR	72.100,0	28.100,0	(61,0)	107.500,0	143.900,0	33,9	179.600,0	172.000,0	(4,2)
OUTROS	1.264,8	1.126,0	(11,0)	27.806,7	22.351,4	(19,6)	29.071,5	23.477,4	(19,2)
NORTE/NORDESTE	35.006,6	50.267,2	43,6	285.399,2	316.389,8	10,9	320.405,8	366.657,0	14,4
CENTRO-SUL	919.036,7	950.383,8	3,4	4.166.741,7	4.334.996,7	4,0	5.085.778,4	5.285.380,5	3,9
BRASIL	955.308,1	1.001.777,0	4,9	4.479.947,6	4.673.737,9	4,3	5.435.255,7	5.675.514,9	4,4

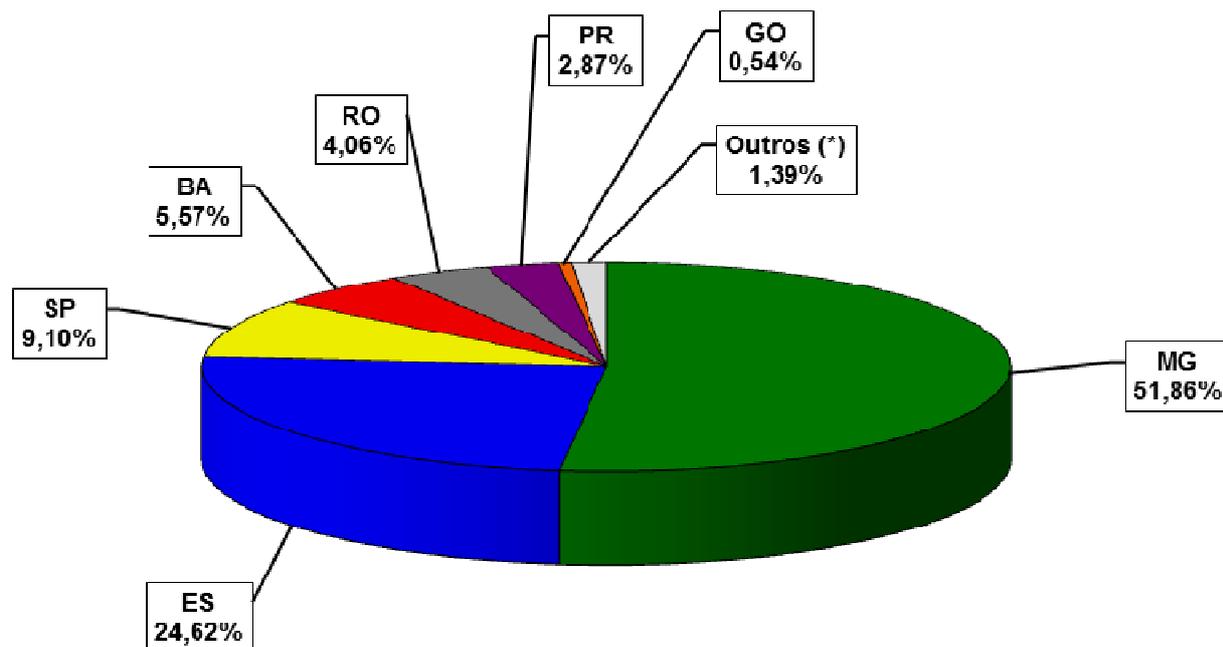
Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal
Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2015.

Tabela 18 – Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total – Café conilon

REGIÃO/UF	PARQUE CAFEIEIRO								
	EM FORMAÇÃO (mil covas)			EM PRODUÇÃO (mil covas)			TOTAL (mil covas)		
	Safra 2014 (a)	Safra 2015 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2014 (c)	Safra 2015 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 2014 (e)	Safra 2015 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	12.653,0	10.852,6	(14,2)	143.574,2	139.163,7	(3,1)	156.227,2	150.016,3	(4,0)
RO	12.510,0	10.742,6	(14,1)	133.822,2	136.394,3	1,9	146.332,2	147.136,9	0,5
PA	143,0	110,0	(23,1)	9.752,0	2.769,4	(71,6)	9.895,0	2.879,4	(70,9)
NORDESTE	12.527,9	12.557,0	0,2	69.731,0	117.558,0	68,6	82.258,9	92.797,4	12,8
BA	12.527,9	12.557,0	0,2	69.731,0	117.558,0	68,6	82.258,9	92.797,4	12,8
Atlântico	12.527,9	8.955,9	(28,5)	69.731,0	83.841,5	20,2	82.258,9	92.797,4	12,8
CENTRO-OESTE	3.785,3	2.670,3	(29,5)	45.854,1	46.079,0	0,5	49.639,4	48.749,3	(1,8)
MT	3.785,30	2.670,30	(29,5)	45.854,1	46.079,0	0,5	49.639,4	48.749,3	(1,8)
SUDESTE	75.795,0	78.637,5	3,8	670.845,0	650.636,1	48,2	746.640,0	729.273,6	(2,3)
MG	3.444,0	3.314,5	(3,8)	40.407,0	40.167,1	(0,6)	43.851,0	43.481,6	(0,8)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	2.239,0	2.154,4	(3,8)	26.265,0	26.108,6	(0,6)	28.504,0	28.263,0	(0,8)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	1.205,0	1.160,1	(3,7)	14.142,0	14.058,5	(0,6)	15.347,0	15.218,6	(0,8)
ES	72.351,0	75.323,0	4,1	630.438,0	610.469,0	(3,2)	702.789,0	685.792,0	(2,4)
OUTROS	1.319,2	1.286,6	(2,5)	4.416,0	3.983,4	(9,8)	5.735,2	5.270,0	(8,1)
NORTE/NORDESTE	25.180,9	23.409,6	(7,0)	213.305,2	256.721,7	20,4	238.486,1	242.813,7	1,8
CENTRO-SUL	79.580,3	81.307,8	2,2	716.699,1	696.715,1	(2,8)	796.279,4	778.022,9	(2,3)
BRASIL	106.080,4	106.004,0	(0,1)	934.420,3	957.420,2	2,5	1.040.500,7	1.026.106,6	(1,4)

Legenda: (*) Acre e Ceará.
Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2015.

Gráfico 15 – Participação percentual da produção de café por UF

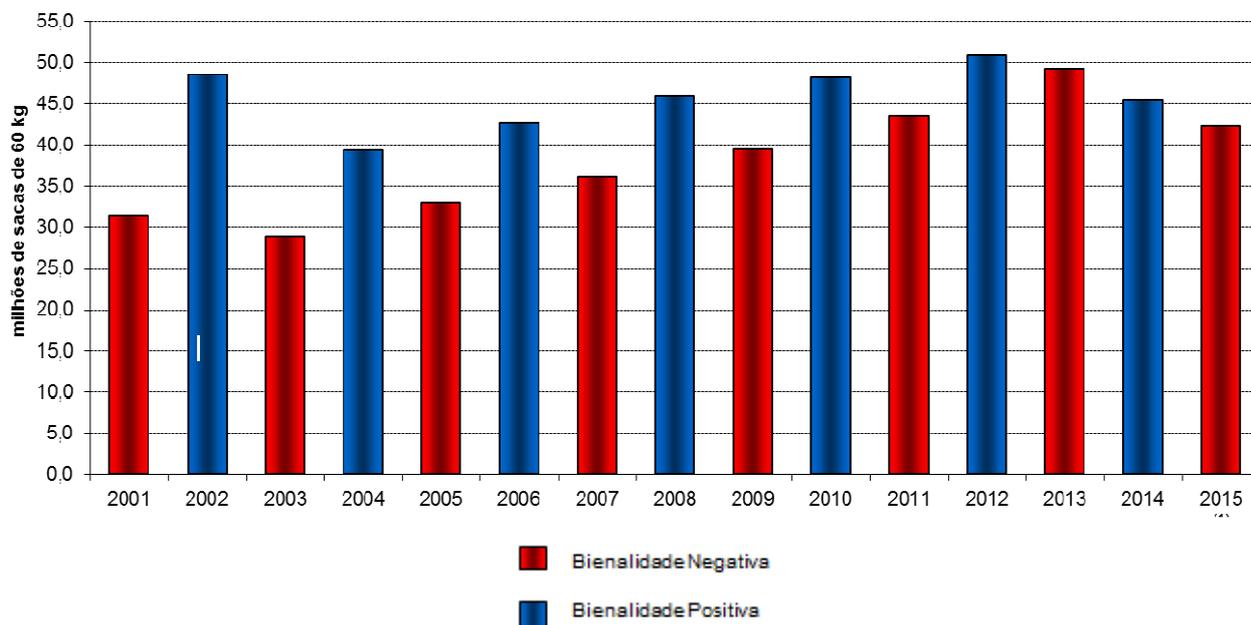


Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal, Pará, Mato Grosso e Rio de Janeiro.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

Gráfico 16 – Evolução da produção brasileira – Café beneficiado



Legenda: (*) Estimativa em setembro/2015.

Fonte: Conab.

13. Colheita de Café

A colheita de café segue um calendário bem definido, que geralmente inicia-se em março e termina em outubro. Na safra 2015 a estimativa é que ocorra o mesmo padrão. A concentração da colheita ocorre geralmente entre maio e agosto, onde cerca de 90% do café é colhido. O ideal é evitar colheita a partir de setembro, de forma a não prejudicar a florada da próxima safra.

Tabela 19 – Estimativa mensal de colheita

(Em percentual e mil sacas)

U.F	PRODUÇÃO	MARÇO		ABRIL		MAIO		JUNHO		JULHO		AGOSTO		SETEMBRO		OUTUBRO	
		%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd
RO	1.709,9	9,0	153,9	41,0	701,1	39,0	666,9	6,0	102,6	5,0	85,5	-	-	-	-	-	-
PA	16,6	-	-	23,0	3,8	42,0	7,0	35,0	5,8	-	-	-	-	-	-	-	-
BA	2.345,7	-	-	10,4	243,5	23,6	554,3	30,6	717,9	21,3	499,2	12,4	289,7	1,4	33,0	0,4	8,2
GO	227,3	-	-	-	-	9,0	20,5	28,0	63,6	43,0	97,7	18,0	40,9	2,0	4,5	-	-
MG	21.856,8	-	-	-	-	5,0	1.092,8	25,0	5.464,2	30,0	6.557,0	30,0	6.557,0	10,0	2.185,7	-	-
ES (**)	10.378,7	-	-	4,4	458,2	39,4	4.086,6	38,3	3.972,6	10,3	1.071,7	5,4	560,3	1,6	163,2	0,6	66,2
RJ	309,6	-	-	20,0	61,9	50,0	154,8	20,0	61,9	10,0	31,0	-	-	-	-	-	-
SP	3.834,9	-	-	-	-	5,0	191,7	20,0	767,0	35,0	1.342,2	35,0	1.342,2	5,0	191,7	-	-
PR	1.210,0	-	-	-	-	10,0	121,0	23,0	278,3	16,0	193,6	37,0	447,7	14,0	169,4	-	-
OUTROS (*)	258,8	-	-	10,0	25,9	20,0	51,8	30,0	77,6	30,0	77,6	5,0	12,9	5,0	12,9	-	-
BRASIL	42.148,3	0,4	153,9	3,5	1.494,3	16,5	6.947,3	27,3	11.511,6	23,6	9.955,5	21,9	9.250,8	6,5	2.760,5	0,2	74,5

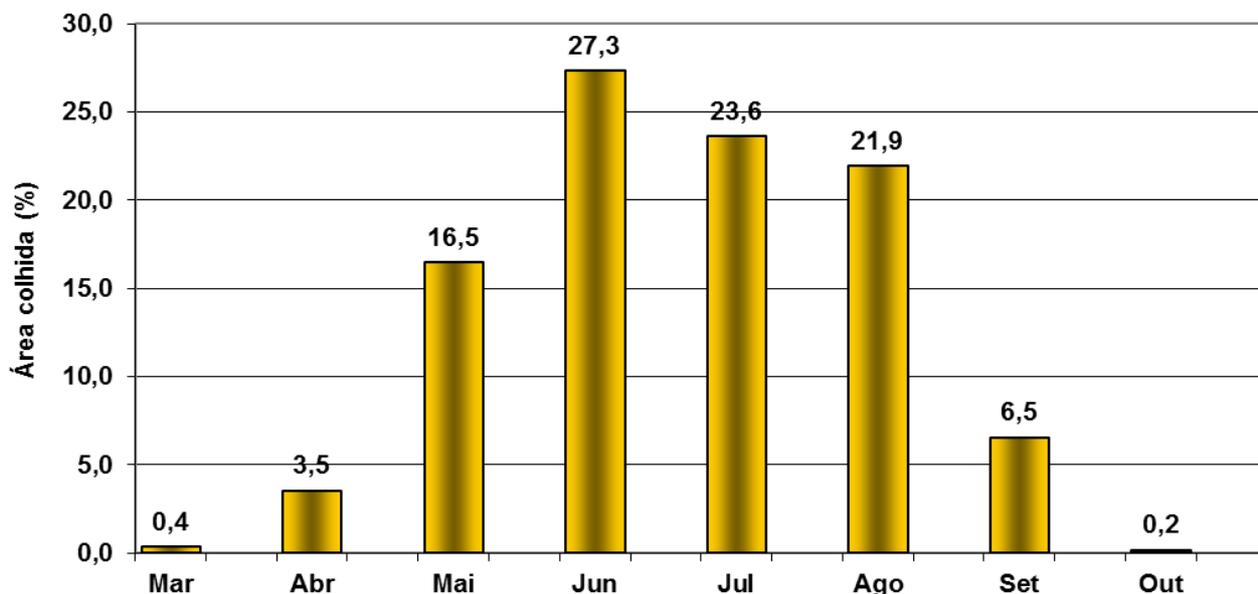
Legenda: (*) Acre, Ceará, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Pernambuco.

(**) 0,3% em outubro, 0,2% em novembro e 0,1% em dezembro.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

Gráfico 17 - Calendário de colheita da safra 2015



Fonte: Conab.

SUREG AC

Filomeno Gomes de Freitas
Travessa do Icó, 180
Estação Experimental
69.901-180, Rio Branco (AC)
Fone: (68) 3227-7959
ac.sureg@conab.gov.br

SUREG AL

Elizeu José Rego
Rua Senador Mendonça, 148
Edifício Walmap, 8º e 9º andar
57.020-030, Maceió (AL)
Fone: (82) 3358-6145
al.sureg@conab.gov.br

SUREG AM

Antônio Batista da Silva
Avenida Ministro Mário Andreazza, 2196
Distrito Industrial
69.075-830, Manaus (AM)
Fone: (92) 3182-2404
am.sureg@conab.gov.br

SUREG AP

Asdrúbal Silva de Oliveira
Avenida Hamilton Silva, 1500
Bairro Central
68.900-068, Macapá (AP)
Fone: (96) 3222-5975/ 8118-6003
ap.sureg@conab.gov.br

SUREG BA

Bruno Miguel Rodrigues Guimarães
Avenida Antônio Carlos Magalhães, 3840
4º andar Bl. A – Ed. Capemi Bairro Pituba
41.821-900, Salvador (BA)
Fone: (71) 3417-8630
ba.sureg@conab.gov.br

SUREG CE

Anastácio Jorge Rocha Fontelles
Rua Antônio Pompeu, 555
Bairro José Bonifácio
60.040-001, Fortaleza (CE)
Fone: (85) 3252-1722
ce.sureg@conab.gov.br

SUREG DF

Sebastião Pereira Gomes
Setor Indústria e Abastecimento Sul
Trecho 5, Lotes 300/400
71.205-050, Brasília (DF)
Fone: (61) 3363-2502
df.sureg@conab.gov.br

SUREG ES

Bricio Alves Santos Júnior
Avenida Princesa Isabel, 629, sala 702
Ed. Vitória Center, Centro
29.010-904, Vitória (ES)
Fone: (27) 3041-4005
es.sureg@conab.gov.br

SUREG GO

Eurípedes Malaquias de Souza
Avenida Meira Ponte, 2748
Setor Santa Geneveva
74.670-400, Goiânia (GO)
Fone: (62) 3269-7400
go.sureg@conab.gov.br

SUREG MA

Margareth de Cassia Oliveira Aquino
Rua das Sabias, 4, Quadra 5
Lote 4 e 5, Bairro Jardim Renascença
65.071-750, São Luiz (MA)
Fone: (98) 2109-1301
ma.sureg@conab.gov.br

SUREG MS

Antônio Benedito Dota
Avenida Mato Grosso, 1022
Centro
79.002-232, Campo Grande (MS)
Fone: (67) 3383-4566
ms.sureg@conab.gov.br

SUREG MT

Petrônio de Aquino Sobrinho
Rua Padre Jerônimo Botelho, 510
Edifício Everest, Bairro Dom Aquino
78015-240, Cuiabá (MT)
Fone: (65) 3616-3803
mt.sureg@conab.gov.br

SUREG MG

Osvaldo Teixeira de Souza Filho
Rua Prof. Antônio Aleixo, 756
Bairro de Lourdes
30.180-150, Belo Horizonte (MG)
Fone: (31) 3290-2800
mg.sureg@conab.gov.br

SUREG PA

Moacir da Cruz Rocha
Rua Joaquim Nabuco, 23
Bairro Nazaré
66.055-300, Belém (PA)
Fone: (91) 3224-2374
pa.sureg@conab.gov.br

SUREG PB

Gustavo Guimarães Lima
Rua Coronel Estevão D'Ávila Lins, s/n
Bairro Cruz das Armas
58.085-010, João Pessoa (PB)
Fone: (83) 3242-5864
pb.sureg@conab.gov.br

SUREG PE

Roberto Pereira Lins
Estrada do Barbalho, 960
Bairro Iputinga
50.690-000, Recife (PE)
Fone: (81) 3271-4291
pe.sureg@conab.gov.br

SUREG PI

Manuel Araújo da Rocha
Rua Honório de Paiva, 475
Sul – Piçarra
64.017-112, Teresina (PI)
Fone: (86) 3194-5400
pi.sureg@conab.gov.br

SUREG PR

Erlí de Pádua Ribeiro
Rua Mauá, 1.116
Bairro Alto da Glória
80.030-200, Curitiba (PR)
Fone: (41) 3313-3209
pr.sureg@conab.gov.br

SUREG RJ

Ludmila Brandão
Rua da Alfândega, nº 91
11º, 12º e 14º andares
20.010-001, Rio de Janeiro (RJ)
Fone: (21) 2509-7416
rj.sureg@conab.gov.br

SUREG RN

João Maria Lúcio da Silva
Avenida Jerônimo Câmara, 1814
Bairro Lagoa Nova
59.060-300, Natal (RN)
Fone: (84) 4006-7619
rn.sureg@conab.gov.br

SUREG RO

Everaldo da Silva Santos
Avenida Farquar, 3305
Bairro Pedrinhas
78.904-660, Porto Velho (RO)
Fone: (69) 3216-8420
ro.sureg@conab.gov.br

SUREG RR

Maria Darcy de Almeida
Av. Venezuela nº 1.120 – Portão A
Anexo I, II e IV – Bairro Mecejana
69.309-690, Boa Vista (RR)
Fone: (95) 3224-7599
rr.sureg@conab.gov.br

SUREG RS

Glauto Lisboa Melo Junior
Rua Quintino Bocaiúva, 57
Bairro Floresta
90.440-051, Porto Alegre (RS)
Fone: (51) 3326-6400
rs.sureg@conab.gov.br

SUREG SC

Sione Lauro de Souza
Rua Francisco Pedro Machado, s/n
Bairro Barreiros
88.117-402, São José (SC)
Fone: (48) 3381-7270
sc.sureg@conab.gov.br

SUREG SE

Emanuel Carneiro de Lima e Silva
Avenida Dr Carlos Rodrigues Cruz, s/n.
Centro Adm. Augusto Franco
49.180-180, Aracaju (SE)
Fone: (79) 3209-1523
se.sureg@conab.gov.br

SUREG SP

Alfredo Luiz Brienza Coli
Alameda Campinas, 433, Térreo, 2º, 3º,
4º e 5º andar, Bairro Jardim Paulista
01.404-901, São Paulo (SP)
Fone: (11) 3264-4800
sp.sureg@conab.gov.br

SUREG TO

Jaibas Aires Manduca
601 Sul – Avenida Teotônio Segurado
Conjunto 01, Lote 02, Plano Diretor Sul
77.016-330, Palmas (TO)
Fone: (63) 3218-7401
to.sureg@conab.gov.br

Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Gerência de Geotecnologia (Geote)

(61) 3312-6277/6280

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br / geote@conab.gov.br



Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

